0810000820

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO" FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC - CAMPUS DE BAURU

BIBLIOTECA - UNESP - CAMPUS BAURU

LUGAR E AFETIVIDADE: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DOS MORADORES DE UM NÚCLEO HABITACIONAL

LÍNIA MARIA BILAC GARRONE

1999

Nº 820
BIBLIOTECA - UNESP
CAMPUS DE BAURU

LÍNIA MARIA BILAC GARRONE

LUGAR E AFETIVIDADE: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DOS MORADORES DE UM NÚCLEO HABITACIONAL

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - FAAC, UNESP, Campus de Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre no Curso de Pós-Graduação "Projeto, Arte e Sociedade" - Área de Concentração Planejamento Urbano e Regional: Assentamentos Humanos.

Orientadora: Profª. Dra. Ana Maria Freire da Palma Marques de Almeida

BAURU - SP
1999

UNESP - CAMPUS DE BAURU
242/144/01/00
Nº Proc.
Sol/Dep. Línia M. B. Garrone
Valor 1000
Data 15/03/00
Class. tombo 820
UNESP
G226l v. e.

CAPES: 60400000 - ARQUITETURA E URBANISMO

Ficha catalográfica elaborada por
DIVISÃO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO
UNESP - Bauru

302
G226l

Garrone, Línia Maria Bilac
Lugar e afetividade : um estudo sobre a percepção dos moradores de um núcleo habitacional / Línia Maria Bilac Garrone. -- Bauru, 1999.
127f. : il. ; 30cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Orientador: Dra. Ana Maria F. da P.M. de Almeida

1. Lugar - Afetividade 2. Atitudes - Valores 3. Homem - Meio-ambiente 4. Universidade Estadual Paulista 5. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação I. Título

LÍNIA MARIA BILAC GARRONE

LUGAR E AFETIVIDADE: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DOS MORADORES DE UM NÚCLEO HABITACIONAL

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e Orientador .....
2° Examinador .....
3° Examinador .....

Bauru, de de 1999

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Dedico este trabalho

À minha mãe, Maria Creuza,
pela valiosa lição de coragem e
sabedoria frente a vida.

Agradecimentos

Ao curso de Pós-Graduação Projeto, Arte e Sociedade, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho" representado pelos professores que o compõe, pelos ensinamentos e pela pesquisa que me ajudaram a desenvolver;

À minha orientadora Professora Dra. Ana Maria Freire da Palma Marques de Almeida, pela orientação, apoio, cuidado e carinho com que acompanhou a elaboração desse trabalho;

Ao meu companheiro Domingos Garrone Junior, pela paciência nas minhas ausências;

Aos meus filhos Joana e Neto, pelo incentivo em continuar sempre;

Ao Professor Dr. Fernando Marques de Almeida, pelo carinho e apoio evidenciados durante a elaboração deste trabalho;

Ao Professor Dr. Ricardo Ribeiro, pelas valiosas sugestões;

Ao Professor Dr. Antonio Fernandes Nascimento Junior, pelas leituras valiosas durante as disciplinas por ele ministradas;

À Professora Ms. Terezinha Fortes Mestrinelli, pelo carinho, amizade e que perguntava sempre "e *a tese?*" e pela revisão ortográfica;

Às professoras Mestres, Claudia Moron, Fabíola Pereira Soares e Maria Helena Borgato Cappo Bianco, pelo apoio e encorajamento;

À Professora Ms. Salette da Silva Alberti, pelas palavras incentivadoras, pelo carinho e pelas valiosas sugestões;

Ao Professor Dr. Muricy Domingues, pelo preparo metodológico e pelos caminhos que me ensinou a trilhar na Geografia;

Ao Professor Ms. José Carlos Rodrigues Rocha, pelo seu exemplo de paciência e perseverança, seu engajamento na Geografia, o que me propiciou acesso a valiosas informações;

Aos secretários da Pós-Graduação, Sylvio Decimone e Ivan Lino Lopes, pelo atendimento cortês e interessado durante esses anos;

À Vera Lúcia Lima de Oliveira, pelo carinho, apoio e digitação do trabalho;

Aos moradores do Núcleo Habitacional Michel Neme, pela disponibilidade, cooperação e, sobretudo, pelas informações cedidas durante as entrevistas;

A todos vocês que, direta ou indiretamente, contribuíram para esta dissertação.

O que nós vemos das cousas, são as cousas.
Por que veríamos nós uma cousa se houvesse outra?
Por que é que ver e ouvir seria iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.

Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!)
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma seqüestração na liberdade daquele convento
De que os poetas dizem que as estrêlas são as freiras eternas.
E as flôres as penitentes convictas de um só dia,
Mas onde afinal as estrêlas não são estrêlas
Nem as flôres senão flôres,
Sendo por isso que lhes chamamos estrêlas e flôres.

Fernando Pessoa

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

SUMÁRIO

Resumo x
Abstract xi

Introdução

1. Considerações iniciais 01
2. Objetivos 03
3. Metodologia 03

Capítulo 1. As imagens da cidade - Relatos de Espaços

1.1. Considerações sobre a relação cidade-seres humanos 04

Capítulo 2. Geografia Humanística e/ou da Percepção

2.1. Algumas considerações 20
2.2. Espaço-cidade-lugar: enquanto palco de significados ... 27
2.2.1. Espaço-cidade 28
2.2.2. E o lugar? 35

Capítulo 3. O município de Pederneiras - SP

3.1. Localização cósmica e geográfica, aspectos fisiográficos 42
3.2. Breve histórico da ocupação 43

Capítulo 4. Plano Nacional de Habitação

4.1. Algumas considerações históricas 45
4.1.1. As COHABs 46

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

4.1.2. A Companhia de Habitação Popular de Bauru - COHAB - Bauru 47

Capítulo 5. Núcleo Habitacional "Michel Neme" - Pederneiras - SP

5.1. Algumas notas históricas 49

5.2. Caracterização do Núcleo "Michel Neme" - Pederneiras - SP 49

5.2.1. Localização 50

5.2.2. Áreas do núcleo 50

5.2.3. Caracterização das habitações existentes 51

5.2.4. Equipamentos Comunitários 52

Capítulo 6. Análise e interpretação

6.1. Caracterização dos sujeitos envolvidos 55

6.2. Significado de *"lugar"* para os moradores 56

6.2.1. E a permanência? 59

6.3. Significado de afetividade com o lugar percebido pelos moradores 70

Considerações finais 74

Referências Bibliográficas 77

Anexos 100

RESUMO

O presente trabalho constitui-se um estudo sobre a percepção que os moradores de um Núcleo Habitacional têm do seu lugar de moradia, bem como os laços de afetividade que os unem a esses lugares.

O enfoque principal é fazer um estudo sobre as várias "*leituras*" que se pode verificar dentro de um mesmo lugar.

A partir do referencial teórico que define percepção, cidade, lugar, parte-se para a pesquisa qualitativa enfocando o ato da descrição. Os dados obtidos das entrevistas com os moradores foram interpretados e analisados extraindo-se as categorias de afetividade-lugar. De posse dessas interpretações, as análises das categorias lugar-afetividade foram feitas de modo cíclico e do referencial teórico que deu suporte à pesquisa.

As considerações finais, recaíram sobre a importância da relação homem-meio-ambiente, como aspecto relevante nas discussões dentro da espacialização do capital, bem como seus valores, suas atitudes frente a essa gama de informação que o espaço lhe oferece.

Palavras-chave: lugar - afetividade - atitudes - valores - homem-meio-ambiente.

ABSTRACT

The present work is based on a study about the perception that the housing state residents have their place of dwelling as well as the affectivity feeling that joins them to those places.

The main focus is to do a study about the various "*readings*" we can have from the same place.

From the theoretical reference which defines perception, city and place we go on the qualitative research focusing the act of the description. The data obtained from the interviews with the residents were interpreted and analyzed drawing the affectivity and place categories.

With those interpretations, the analysis of the affectivity and place categories were done on a cyclic way and of the theoretical reference which gave support to the research.

The final considerations relapsed into the importance of the relation man-environment as a relevant aspect on the discussions within the spacialization of the capital, as well their values and attitudes front this range of information that the space offers to them.

Keywords: place - affectivity - attitudes - values - man-environment

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

1. Considerações Iniciais

Este trabalho teve como fonte de inspiração uma pesquisa feita por Tuan (1983), da qual resultou na publicação de Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência, traduzida pela Geógrafa Lívia de Oliveira.

Ao analisar a relação espaço e lugar, através da perspectiva da experiência, a pesquisa pontuou elementos significativos na abordagem do espaço geográfico, como por exemplo, "*visões do mundo*" de comunidades primitivas, experiências com lugar etc.

Ao tratar a relação homem-meio-ambiente dentro da perspectiva da experiência, ele instaurou nas análises geográficas, um "*olhar*" diferente, ou seja, subjetivado, emocionado, afetivo, sobre os fatos que envolvem os grupos humanos.

O presente estudo é uma reflexão sobre como um Núcleo Habitacional transforma-se em "*lugar*" para seus moradores, levando em consideração as descrições de vida relatadas pelos mesmos.

Para tanto, o estudo fundamentou-se nas concepções filosóficas da Geografia Humanística ou da Percepção, que se assenta nas idéias básicas da fenomenologia.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Sendo assim, o que se pretende é verificar a descrição dos fenômenos, a partir da percepção e experiência manifestada pelos sujeitos residentes no núcleo.

O desenvolvimento do estudo está assim delimitado:

O primeiro Capítulo elege alguns trabalhos que explicam a relação indivíduo-meio-ambiente, enfocando tipologias de vivência (cidade, casa, lar, vizinhança, conjuntos residenciais etc);

O segundo Capítulo explica as concepções filosóficas da Geografia Humanística e/ou da percepção;

O terceiro Capítulo caracteriza o município de Pederneiras - SP, com algumas considerações geográficas e históricas.;

O quarto Capítulo traça um breve histórico sobre o Plano Nacional de Habitação, enfocando seus objetivos principais;

No quinto Capítulo o Núcleo Habitacional "Michel Neme" - Pederneiras - SP, objeto de estudo do presente trabalho, é caracterizado em seus aspectos históricos, geográficos bem como sua descrição física;

O sexto Capítulo analisa e interpreta os resultados dos dados levantados, através das entrevistas com os sujeitos (moradores do Núcleo), à luz da fundamentação teórica que "*a priori*" sustentou a pesquisa.

A escolha da pesquisa qualitativa, enfocando o ato da descrição, está ligada à intenção de captar o significado de "*lugar*" e "*afetividade*", que os sujeitos (moradores) venham a atribuir aos seus locais de moradia, decorrentes de suas vivências e experiências.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

2. Objetivos

— Explorar as razões que fazem com que os moradores do núcleo gostem ou não de suas áreas de residência;

— Apreender o significado da percepção que os moradores têm do seu lugar, bem como identificar valores e atitudes frente ao meio-ambiente ao qual estão expostos;

— Assimilar a dimensão afetiva que os moradores do Núcleo Habitacional desenvolvem com seu entorno, para extrair indicadores que atentem para a melhoria da qualidade de vida desses, dentro do contexto no qual estão inseridos.

Neste sentido, o presente trabalho aponta na direção do continuísmo dessas abordagens como fonte investigadora que possa também alicerçar as discussões relacionadas ao meio-ambiente urbano, onde os usuários deste, tornam-se seus maiores entusiastas, colaboradores e, através de suas falas, expressam anseios difíceis de mensurar, mas possíveis de se transformar em instrumento de superação.

3. Metodologia

Para que pudéssemos captar o significado de "*lugar*" para os moradores do Núcleo Habitacional "Michel Neme", remetemos-nos a abordagem qualitativa de pesquisa enfocando o ato da descrição, no sentido de como Martins et Bicudo (1989) a caracterizam:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> *a descrição ou o ato de descrever é fundamentalmente importante ao desenvolvimento da pesquisa qualitativa. As descrições podem ser emotivas tanto quanto desejar-se que elas o sejam. Nunca, porém, poderão ser certas ou erradas, pois esse critério não é possível de ser-lhes aplicado. A descrição será tão melhor quanto mais facilitar o leitor ou o ouvinte a reconhecer o objeto descrito. O seu mérito principal não é sempre a exatidão ou o relato dos fenômenos do objeto descrito, mas é a capacidade de criar, para o ouvinte (ou para o leitor, uma reprodução tão clara, quanto possível, do mesmo.*

Também de modo explicativo Triviños (1987) coloca que :

a pesquisa qualitativa de natureza fenomenológica, não se preocupa nem subsidiariamente das 'causas', nem das 'conseqüências' da existência dos fenômenos sociais, mas das características deles, já que sua função principal é descrever.

Por ser descritiva, a pesquisa qualitativa *tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave* (Bogdan apud Triviños, 1987). Isso significa uma preocupação maior com o processo todo que envolve o fenômeno pesquisado e não simplesmente com os resultados na forma de produto. Por isso, que a maior parte das pesquisas do tipo qualitativa, e é o caso principalmente da fenomenologia, não se preocupar com a formulação de hipóteses. O que interessa, sim, são os significados, as interpretações que surgem da percepção do fenômeno visto em um contexto. Dessa forma, é que se chega ao nível de abstração, ao conceito.

Neste sentido, para obtermos as informações necessárias dos sujeitos, utilizamo-nos de "*entrevistas*", que foram conduzidas a partir da seguinte questão geradora: " *você poderia me falar da sua vida aqui no bairro?*"



De posse dos relatos, dos depoimentos, extraímos duas categorias de análise: *lugar* e *afetividade* representando as vivências atribuídas pelos sujeitos, bem como valores e atitudes frente à exposição ao meio-ambiente urbano no qual estão inseridos.

QUADRO I: CATEGORIA DOS SIGNIFICADOS DOS MORADORES DO NÚCLEO HABITACIONAL "MICHEL NEME", QUANTO A "*LUGAR*" E "*AFETIVIDADE*", DENTRO DE SUAS VIVÊNCIAS NO LOCAL*

CATEGORIAS	OBJETIVOS
1. Significado de lugar	♦ Identificar o que significa lugar para os moradores
2. Significado de afetividade	♦ Verificar a relação afetiva do morador em relação ao lugar onde vive.

A escolha dos sujeitos obedeceu ao seguinte critério: o de serem residentes do núcleo. Isso possibilitou-nos verificar e interpretar os significados dos sujeitos quanto à percepção que eles têm do lugar, sem a pretensão de caracterizar, nem tampouco representar o coletivo do núcleo. Neste sentido, a preocupação primordial recaiu em analisar o fenômeno perceptivo que esses usuários tem do espaço vivido, do lugar onde vivem e constróem seu cotidiano.

* Fonte: ALMEIDA. A. M.F.P.M. de. Um Estudo Sobre a Avaliação da Aprendizagem em um Curso Superior de Ciências Agronômicas.



As entrevistas foram feitas no local de residência dos moradores ou, em alguns casos, em pontos de encontro (bar, por exemplo).

Uma conversa informal, a priori, serviu de "*quebra-gelo*" e a medida que a receptividade foi aumentando, foi possível desenvolver o diálogo.

Foi usado um gravador pequeno e fitas cassetes para o registro, não houve constrangimento e o anonimato dos sujeitos envolvidos foi mantido.

CAPÍTULO I

CAPÍTULO 1 - AS IMAGENS DA CIDADE - RELATOS DE ESPAÇOS

1.1. Considerações sobre a relação cidade - seres humanos

A relação entre as cidades e os seres humanos tem sido encarada de vários pontos de vista. Para Sitte apud Bresciani (1993):

Considerados produtos da "arte" humana, elas simbolizam o poder criador do homem, a modificação do meio-ambiente, a imagem de algo artificial, de um artefato enfim.

Para esse crítico, a forma como as cidades se compõem sobre a natureza, como aderem ao ambiente físico, foi, e continua sendo, matéria de polêmica bastante acirrada entre os que, profissionais ou não, se preocupam com as cidades.

Os adeptos da solução técnica moderna de cunho universalista se opõem aos que defendem a dimensão cultural e histórica das cidades, sua singularidade e marca diferenciada.

Para Sitte apud Bresciani (1993) a materialidade das cidades deve expressar os símbolos e mitos de um povo, sua visão de mundo e sua história. Ele sustenta a importância da organização espacial como invólucro nada neutro, argumentando com a certeza da *forte influência do meio externo sobre o espírito humano.* Numa explícita adesão *a idéia de que a arte é inata e instintiva no homem*, elabora um longo percurso intelectual através do tempo para mostrar "*as praças*", espaços com finalidades diversas, expressam na composição diferenciada em uma mesma cidade e em cidades diversas "*seus significados e suas histórias*".



Interessante, notar a preocupação com algo além da estética dentro do contexto urbano. Preocupação em derrubar o mito de que o belo só pode ser aquilo esteticamente perfeito e bem elaborado em pranchetas e colocado no visual urbano como marca de modernidade.

A partir da Teoria Sitteana, vários urbanistas brasileiros na virada do século, se tornaram autores de projetos de reformas para várias cidades brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro e Santos; e superado hoje o domínio incontrastável da arquitetura moderna entre nós, pelos atuais estudiosos da cidade e os que nela intervêm, a polêmica entre "*técnica e história*" recoloca-se com bastante intensidade.

A invenção e/ou eleição dos símbolos urbanos serão evocados, como afirma Martins apud Bresciani (1993):

As cidades desenvolvem suntuosamente uma linguagem mediante duas redes diferentes e superpostas: a física, que o visitante comum percorre até perder-se na sua multiplicidade e fragmentação, e a simbólica, que a ordena e interpreta.

Posto assim, essa comunicação resulta de uma experiência conflitiva. Interessa-nos trabalhar a cidade sobretudo como forma, que resulta de forças sociais que interagem, universo material socialmente apropriado, percebido através da teia de relações cotidianas. Daí emergem perguntas para aferir como se dão as relações cotidianas dentro da cidade: Como vive a população dessa cidade? Quais os pontos de encontro? Como moram? Qual a relação entre a casa e a rua? Além das indagações sobre as áreas de conflito social, a geografia da violência local, a seqüência da ocupação territorial. Embora a

unesp

análise econômica da história da cidade, permitisse traçar com clareza recortes conjunturais de sua evolução urbana, definidores imediatos dos bens simbólicos que a exemplificam, revelou-se, porém, insuficiente para seu amplo conhecimento.

E continua ...

a análise mecânica e polarizada ocultava a rica teia de relações sociais de um cotidiano que efetivamente definia o espaço e consagrava lugares da memória coletiva.

Nas palavras de Olgária Matos apud Bresciani (1993), as cidades são todas *cidades arqueológicas construídas em camadas de memória.*

Certeau (1994), em suas caminhadas pela cidade, afirma que essa se modifica em Texturologia onde coincidem os extremos da ambição e da degradação. Numa análise que faz como voyer ou caminhante (palavras dele) em New York - Estados Unidos, ressalta a onda de verticais que o cercam, descreve a gigantesca massa humana que lhe imobiliza o olhar; surgem as oposições brutais de raças e estilos, os contrastes entre os prédios criados ontem, agora transformados em latas de lixo, e as irrupções urbanas do dia que barram o espaço. Desse modo New York - Estados Unidos - nunca soube a arte de envelhecer curtindo todos os passados. Seu presente se inventa, de hora em hora, no ato de lançar o que adquiriu e de desafiar o futuro.

Sendo assim, a "*cidade*" instaurada pelo discurso utópico e urbanístico é definida pela possibilidade de uma tríplice operação:

unesp

1. A produção de um espaço próprio: a organização racional deve, portanto, recalcar todas as poluições físicas, mentais ou políticas que a comprometeriam;

2. Estabelecer um não-tempo ou um sistema sincrônico, para substituir as resistências inapreensíveis e teimosas das tradições: estratégias científicas unívocas, possibilitadas pela redução niveladora de todos os dados, devem substituir as táticas dos usuários que astuciosamente jogam com as "*ocasiões*" e que, por esses acontecimentos - armadilhas, lapsos da visibilidade, reintroduzam por toda a parte as opacidades da história;

3. Enfim, a criação de um sujeito universal e anônimo que é a própria cidade.

A cidade enquanto "*locus*" de vivências e significados, enquanto espacialização do capital, reprodução e fragmentação do espaço, aparece interpretada, analisada, descrita e sentida em vários trabalhos.

Segundo Campbell (1983):

> *A característica ecológica mais evidente das cidades é o fato de oferecerem aos seus habitantes humanos um meio-ambiente completamente diferente de todos quantos existem à superfície da Terra. A cidade constitui tanto um ecossistema distinto como um bioma inteiramente novo. O seu aparecimento determinou, portanto, um tipo específico de adaptação cultural humana, que inclui tecnologia de outra natureza.*

Nessa análise, percebe-se claramente uma visão biológica da cidade, fruto das especulações biologicistas (orgânicas) do

urbano, que permearam inúmeros trabalhos na Escola de Chicago. Dentro dessa linha de interpretação, evidencia-se a preocupação com a função e não com a experiência do vivido, o cotidiano dos indivíduos , as inter-relações.

Para Sevcenko (1991), que trabalha no campo da história urbana essa representa:

> *um palco por excelência para entender as condições de organização e de tensão dentro das sociedades, dentro do meio organizado pelos equipamentos Técnicos-Científicos. Nelas, pode-se ver com cristalina clareza, uma nova forma de sociabilidade que significa uma descontinuidade com o estilo de experiências que se tinha nas sociedades humanas, no período anterior a esse.*

Essa análise da cidade, que é histórica e evidencia a técnica, seu surgimento e suas repercussões dentro do urbano, mostra-nos um outro propósito das cidades. Sevcenko (1991), verifica que a cidade moderna supõe também fluxos de movimento coordenado em massas, que eram desconhecidos anteriormente. Por exemplo, os fluxos de circulação da cidade em função dos deslocamentos nos horários de trabalho, como no caso do metrô, demandam uma energia absolutamente monumental nos horários de pico, seguida de uma queda vertiginosa nos momentos fora do pico. A gestão desses fluxos é extremamente complexa e exige uma razão científico- tecnológica completamente estranha ao homem comum, que faz parte da massa que está indo para o metrô e que não entende exatamente qual o mecanismo da gestão desses fluxos. Ele é apenas uma parte gerida sem ser elemento componente dos princípios articuladores da gerência.

unesp

Bachelard (1989), fala em poética do espaço; o que isso significa?

Consiste basicamente, em apelos à imaginação e às impressões do leitor, numa linguagem enfática, entretanto menos peremptória que persuasiva: habitat oniricamente a casa natal é mais que habitá-la pela lembrança - é viver na casa desaparecida tal como ali sonhamos um dia.

Percebe-se do exposto que talvez ele tivesse razão em inclinar-se para a nostalgia do espaço perdido; entre o que é especificamente "*humano*" nessa experiência das escadas, dos sótãos e dos armários. Bachelard apenas nos convida a uma percepção pessoal, a uma valorização de alguns lugares privilegiados da alma burguesa.

É vasto e numeroso o campo de pesquisa que envolve o urbano. É numerosa a literatura sobre o tema, as discussões e seminários têm permeado o universo acadêmico nestes últimos anos. Muito se poderia citar, referenciar. Cabem, aqui, algumas considerações sobre a tipologia do meio-ambiente urbano, bem como textos que exploram o espaço doméstico e os que se debruçam sobre a casa, o lar e até a satisfação em habitação pública.

Da tipologia da vivência, temos o trabalho de Lawrence (1988) que investigou e verificou que os tipos de habitação popular apresentam uma determinação social tanto quanto arquitetônica. Essa definição instaura categorias de tipos ligados a uma estratificação social (habitat operário, empregado, burguês ...) e a significação é o emprego do espaço doméstico.

Verifica que , a tarefa dos arquitetos é exprimir no espaço construído a linguagem espacial da prática do cotidiano. É

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

somente nesse sentido que a habitação popular poderá tomar, em nossa época, seu significado sócio-cultural.

Também aparecem análises sobre o meio-ambiente urbano, enfocando a qualidade de vida, evidenciando que o interesse pelo tema é fruto da própria dimensão alcançada pela urbanização na sociedade contemporânea. Conforme Davidovich et al. (1977):

as preocupações com a preservação da vida, que cresceram na era nuclear e que se tornaram extensivas à qualidade de vida da humanidade, inclusive em termos de eqüidade social, tem permeado discussões que nos levam a entender que qualidade de vida, envolve preocupações diversas: a água, o ar, os recursos naturais de um modo geral bem como o meio-ambiente urbano e a qualidade de vida que se tem oferecido aos grupos humanos que habitam, esse meio.

Dentro dessa linha de pesquisa, temos o trabalho de Melo (1977), que faz considerações pontuais sobre o meio-ambiente em áreas metropolitanas, com estudo de caso sobre a cidade do Recife. Neste caso, evidencia-se a preocupação com as condições de saneamento básico da capital pernambucana.

Preocupações dessa natureza levaram grande número de estudiosos a debruçar-se sobre os mais variados temas que o meio-ambiente urbano suscita.

Nesse sentido, aparecem as preocupações sobre gestão urbana e qualidade de vida. O trabalho de Mello apud Tornicielo (1995) enfatiza que os espaços públicos são valores culturais que influem, consciente ou inconscientemente, na interação da população com seu entorno, nas suas ações e relações e mesmo na melhoria de sua qualidade de vida.

unesp

Verifica que o crescimento populacional tem desgastado gradualmente os laços sociais mais orgânicos de uma cidade resultando, predominantemente, em situações onde os anseios, individuais e coletivos, são excluídos, numa gestão que se faz basicamente pelo poder público.

E afirma:

> *Como reflexo de uma compreensão restrita das relações do homem com seu entorno, predomina a visão de que a rua ou outros espaços públicos são apenas um lugar de passagem e que, portanto, somente o fluxo de tráfego e o aumento da velocidade são elementos vitais. Esta compreensão tem influído, fundamentalmente, na paisagem da cidade.*

Também advém dentro desse universo de trabalhos, a preocupação com o meio e a qualidade do habitat residencial, cuja preocupação central é analisar a satisfação das necessidades individuais e coletivas no exercício do habitar, em geral em torno das relações do homem e da família com a casa e o habitat, envolvendo, nestas últimas, também, a comunidade de vizinhança.

Conforme Cabrita (1988):

> *O termo Meio é entendido aqui como o ambiente na sua perspectiva mais ampla, pela reunião das suas facetas física, social, cultural e institucional. Inseridas no Meio, mas de forma destacada, estão duas realidades bem distintas mas interligadas: o Homem e as atividades. Homem, meio e atividades formam um triângulo fundamental para a definição de qualidade de vida a todos os níveis e, portanto, também no habitat e no alojamento.*

unesp

Da Psicologia Ambiental emergiram vários trabalhos que têm sido realizados quanto à satisfação do habitat (do habitar). Os estudos empíricos nesta área podem ser divididos em duas correntes distintas. Por um lado, há aqueles estudos nos quais a satisfação do habitat é considerada como um critério que é função da qualidade da habitação, por exemplo, Marans e Rodgers (1975), Galster e Hesser (1981), Cutter (1982), Weidemann et al. (1982) etc. O objetivo dos estudos, tais como estes, é o de estabelecer quais fatores - tanto a nível do ambiente residencial (do ambiente construído) quanto ao individual - determinam o grau no qual ele/ela está satisfeito com seu (dele/dela) ambiente construído. Dentro desta visão, o estudo da satisfação no habitat residencial, realizado por Canter e Rees (1982) que consideram o ambiente residencial como resultado de três componentes, a saber: vizinhança, casa e vizinhos merecem destaque.

Outros autores, tais como Speare (1974) ou Newman e Ducan (1979), consideram a satisfação do habitat não como um critério, mas como um previsor de comportamento - fundamentando-se nesta hipótese, um menor nível de satisfação do habitat pode ser resolvido mudando-se de casa ou, quando isso não for possível, pode-se promover a adaptação da residência às novas necessidades, exigências quando surgirem, realizando melhoramentos (reformas) na casa.

Em outro trabalho Weidemann e Anderson (1985), consideram a satisfação do habitat como uma atitude, tais como as intenções do comportamento.

unesp

Haney e Knowles (1978) já enfatizam as condições sócio-econômicas, destacando os mecanismos que conduzem um indivíduo de baixa classe social, a conformar-se ou a adaptar-se ao ambiente residencial, em muitos casos empobrecidos, possibilitando alcançar assim, um nível moderado de satisfação.

Fried e Gleicher (1961) lidavam com uma área pobre de Boston - Estados Unidos - e o trabalho de Yancey (1972) quanto à demolição da urbanização de Pritt-Igoe na cidade de Saint Louis, Estados Unidos, os trabalhos mencionam a importância do ambiente, o quanto este é percebido pelo morador e, como estas percepções variam considerando a percepção da classe social.

Em Madri, o trabalho de Amerigo (1989), tentou determinar os parâmetros de satisfação do habitar residencial, em uma amostra de donas de casa, com baixo poder sócio-econômico. Os objetivos do estudo foram testar a extensão na qual a satisfação com os três componentes do ambiente construído, vizinhança e vizinho, como definidos por Canter e Rees (1982) explicam a satisfação do habitar. Em seguida, o estudo também procurou estabelecer as hipóteses objetivas e subjetivas tanto da característica física como social que influem na satisfação do habitar de uma amostra de moradores que residem em projetos de habitação coletivas (administrativas).

Ercolani et al. (1991) propuseram em seu trabalho uma aproximação contextual para o estudo das aglomerações, levando em consideração a unidade sociofísica dos lugares que são ocupados por multidões. A área de estudo foi Roma, dentro de uma grande área metropolitana. Foi alvo de investigação a afinidade entre a negativa evolução da densidade social



(multidão) e a satisfação residencial dos habitantes. A percepção da aglomeração expressa pelos habitantes foi estudada em afinidades para o:- a) modelo de evolução envolvendo a satisfação residencial sobre a vizinhança; b) a característica físico-espacial do lugar considerado; e c) sócio-demográfico e características regionais dos seus habitantes.

Este estudo foi parte de amplo programa feito para a Unidade Nacional Educacional Científica e Organização Cultural (UNESCO), Homem e Biosfera (MAB), sobre instalação urbana.

O programa MAB é multidisciplinar e tem sido ampliado com a colaboração de arquitetos, planejadores urbanos, ecologistas e psicólogos ambientais. O objetivo do programa é estudar os elos entre os processos urbanos e os processos psicológicos dos seus habitantes, com referência especial dos problemas relatados para a percepção/evolução da qualidade das residências no ambiente urbano.

Em Madri, Bernáldez (1974), desenvolveu sua investigação dentro do Programa MAB, para aferir noção de estrutura (ou tipologia) da consciência da plenitude do meio-ambiente e a percepção das diferenças (mudanças) deste meio-ambiente. A sua argumentação partiu da premissa de que o meio-ambiente urbano espanhol, passou, nos últimos 40 anos por profundas transformações devido ao intenso desenvolvimento urbano. Este afetou áreas normalmente respeitadas pela alta qualidade de sua natureza e paisagem.

O trabalho de Dattwyler e Edelsberg (1992) buscou identificar os principais aspectos que deve considerar um plano

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

de renovação urbana em um setor central da cidade de Santiago, Chile. Para esses pesquisadores, uma política de reabilitação parece ser adequada para melhorar o nível de vida da população considerando o valor arquitetônico de algumas edificações e os problemas estruturais de certas moradias. O plano de melhoramento urbano do bairro, deve considerar a participação da comunidade envolvida. Para os pesquisadores:

O atrativo da área como lugar de residência vem se reafirmando por um forte arraigamento da população, que se denota no desejo majoritário de continuar residindo no lugar, na evolução positiva das relações interpessoais e nos períodos médios de residência.

Desse modo, reabilitar espaços deteriorados, implantar novos assentamentos, bem como planejar a cidade, seu entorno, deixou há muito de ser uma preocupação puramente estética e econômica. Pensar no propósito dos lugares, dos ambientes dentro do espaço geográfico como algo além de fragmentações, tem sido preocupação freqüente de vários estudiosos. Esses trabalhos vêm subsidiando as discussões que permeiam as várias "*leituras*" sobre a cidade e têm suscitado preocupações constantes com a qualidade de algo que vai além da técnica, valores que não podem ser mensurados, mas percebidos pelo usuário desses espaços.

Para Hoefle (1990), corresponde a enfocar o significado social do meio-ambiente, ou seja, como o homem aproveita processos naturais para conceituar relações entre grupos sociais. Seu trabalho, dentro da Escola Antropológica, resgatou categorias de valor, que o sertanejo atribui na sua interação diária com a zona semi-árida nordestina. Desenvolveu um estudo de cognição

unesp

/percepção ambiental em três municípios sertanejos: Belém do São Francisco (Pernambuco), Paranamirim (Pernambuco) e Chorrochó (Bahia). Para esse autor, o sertanejo percebe o espaço em sua volta como uma graduação de esferas desde a mais humana - a cidade - até a esfera mais natural - o "*mato bruto*". Sua divisão de espaço funda-se em distinções naturais, econômicas, sociais e de classes, todas escaladas de alto e baixo prestígio do ponto de vista humano. E as descrições continuam em nuances variadas, em leituras múltiplas dessa dimensão espacial.

Posto dessa forma Hoefle (1990) acredita que a cognição/percepção ambiental no sentido mais amplo envolve:

- A repartição do espaço físico em diferentes esferas sociais e naturais;
- Conceitos sobre formas animadas e inanimadas dentro desse espaço;
- Idéias referentes à utilidade e ao significado social de cada objeto ou área observado de per si, e
- Noções a respeito da posição do homem dentro da ordem natural.

A abordagem da percepção geográfica ou humanística vem corroborar o exposto.

CAPÍTULO II

CAPÍTULO 2 - GEOGRAFIA HUMANÍSTICA E/OU DA PERCEPÇÃO

2.1. Algumas considerações

A concepção filosófica na Geografia Humanística se assenta nas idéias básicas da fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938), que representa uma tendência dentro do idealismo filosófico.

A fenomenologia representa, portanto, uma tendência filosófica que questionou os conhecimentos do positivismo elevando a importância do sujeito no processo de construção do conhecimento. Todo o processo de gestação e nascimento da fenomenologia esteve assentado no pensamento e, principalmente, na consciência de cada sujeito. Partindo dessa concepção, descreve o mundo da maneira como é visto na idéia e na consciência, ou ainda, na concepção que cada indivíduo tem do mundo que o cerca. Preocupa-se, sempre, em verificar o modo de apreensão das essências pela percepção das pessoas. Deste modo, a fenomenologia estará sempre voltada em apreender e compreender como cada indivíduo percebe o mundo que o rodeia e no qual vive e convive. Destaca-se também que, a fenomenologia procura sempre valorizar a experiência pessoal de cada indivíduo ou de um grupo de pessoas, com o objetivo e a visão de compreender o comportamento e as maneiras de sentir e viver das pessoas.

Assim, ela é definida como sendo uma filosofia que descreve um fenômeno ou um conjunto de fenômenos a partir da

percepção e experiência manifestadas pelos indivíduos que convivem com o fenômeno ou com o conjunto de fenômenos, no tempo e no espaço, e o interpretam segundo as leis do seu conhecimento ou da sua consciência. Do mesmo modo, não tem a preocupação de saber a origem do fenômeno e nem de colocá-lo dentro do processo histórico em que ele se apresenta; ou seja não coloca a essência dos fatos dentro da historicidade dos fenômenos.

O que importa realmente é a existência do homem e o que o homem, como ser existencial e racional, sente e vivencia em relação às coisas que o rodeiam. É a partir daí que a fenomenologia reconhece o princípio de que não existe objeto sem sujeito. E isso se expressa através da noção de intencionalidade. O termo para Husserl, apud Triviños (1987): *é algo puramente descritivo, uma peculiaridade íntima de algumas vivências.*

Sendo assim, a intencionalidade para a fenomenologia é fundamental, se considerarmos que a vivência e a consciência de cada indivíduo são idéias básicas para esta filosofia. A noção fenomenológica pressupõe que cada ser é o conceito do seu próprio mundo vivido.

Do mesmo modo, a Geografia Humanística se preocupa em mostrar o mundo através da consciência do indivíduo, com o meio-ambiente, o comportamento das pessoas, bem como suas idéias e sentimentos em relação ao espaço geográfico que ocupam. Adquire assim, uma postura crítica e ao mesmo tempo, poética, humana e social, a partir do momento em que não se preocupa somente com o clima, a vegetação, o relevo e outros,

unesp

mas, essencialmente, enfoca os sentimentos, idéias e experiências da humanidade que se faz presente naquele espaço geográfico.

Segundo Cargnin et al. (1990):

O espaço vivido e existencial de cada pessoa é visto dentro do contexto no qual a pessoa valoriza e organiza o seu espaço e o seu mundo, e nele vive, convive e se relaciona. É a descrição direta e exata de uma experiência ou emoção vivida, tal como ela é sentida pelo indivíduo.

O espaço passa a ser considerado dentro do contexto no qual a pessoa vive, e, portanto, é esse espaço que ela vai valorizar e, deste modo, organizar o seu mundo e nele se relacionar. "Mundo", para a fenomenologia e, consequentemente, para a Geografia Humanística, é o contexto dentro do qual a consciência é revelada.

O conceito de espaço passa a ser concebido como um espaço presente, experimentado, no qual a pessoa valoriza e organiza, que compõe o seu mundo e nele se relaciona.

Cargnin et al. (1990) afirmam:

> *E o espaço vivido e presente no cotidiano do indivíduo é visto como sendo de uma certa 'espessura', por oposição aos pontos sem dimensão do espaço medido. A espessura do espaço é vista na concepção do 'aqui', que é um sistema de relações com outros lugares, semelhante a espessura dos conceitos temporais, tais como 'agora', o qual envolve aspectos do passado, presente e futuro.*

A Geografia Humanística alcança seu maior êxito na descrição vivida de uma região. Para a retratação de uma região, leva-se em conta a essência do lugar. O conceito de "*lugar*", também nasce em conseqüência da experiência do indivíduo que ocupa esse lugar, onde está ambientado e integrado.

unesp

Conforme Tuan (1983):

lugar não considerado qualquer localidade ou cidade, mas sim, especialmente e especificamente, aquele lugar que tem algum significado ou importância afetiva para a pessoa. Um espaço que pode acumular experiências amenas, afetivas e sensações boas, quando a pessoa nele vive ou apenas o traz na recordação.

Entre as tendências científicas de maior alcance ocorridas no campo da Geografia, durante as últimas décadas, destaca-se a crescente e constante evidência de que a percepção do espaço é fundamentalmente significativa para a explicação das dimensões geográficas dos fatos estudados por essa Ciência.

Os problemas concernentes à percepção vêm sendo investigados por um grupo de geógrafos que tem trabalhado nas fronteiras entre a Geografia e a Psicologia.

Diversos estudos sobre percepção geográfica foram desenvolvidos, dentre eles podem-se destacar os trabalhos de Downs (1967-1968) e White (1967) do Departamento de Geografia da Universidade de Bristol, na Grã-Bretanha que contribuíram para a definição do papel da percepção na Geografia Moderna. White procura medir a percepção espacial mediante um questionário aplicado a crianças escolares que avaliam os municípios britânicos, em termos de preferência residencial.

Em termos de percepção geográfica do espaço pode-se dizer que o Grupo de Estudo, sobre percepção e lugar, da Clark University, EUA, dirigido pelo Psicólogo David Stea e pelo Geógrafo James M. Blaut, vem se destacando desde a década de sessenta, por suas pesquisas.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Aqui no Brasil, temos os pressupostos dessa nova abordagem do espaço, através do trabalho desenvolvido pela Geógrafa Lívia de Oliveira que traduziu duas obras do Geógrafo Yi Fu Tuan: Topofilia (1980) e Espaço e Lugar (1983). O termo "Topofilia" assim desenvolvido por Tuan (1980):

Constitui-se no elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou natureza onde a mesma convive. Definida através do estudo das relações das pessoas com a natureza e do seu comportamento em relação ao meio físico, e, também dos sentimentos e emoção que sentem e têm em relação ao espaço e lugar.

Sendo assim, do mesmo modo, o indivíduo pode acumular experiências negativas em relação a um determinado lugar e que se traduzem em sensações repulsivas, desagradáveis, que são definidas como experiências topofóbicas.

Na interação diária com o meio-ambiente, os moradores desenvolvem em suas mentes determinadas imagens a partir da observação de seus lugares de residência, bem como as decorrentes de outras partes da cidade, sejam elas centros ou subúrbios.

Como afirma Gupta (1993):

> *os moradores desenvolvem algumas imagens em suas mentes quando observam sua própria cidade. Estas imagens são baseadas principalmente, em suas percepções das diferentes áreas. A escolha da área para moradia depende, de uma certa maneira, destas imagens. A imagem do lugar pode sofrer mudanças na mente do morador por causa da mudança na sua própria situação, ou no processo de refletir do morador.*

Dessa maneira, o fenômeno perceptivo não pode ser estudado como um evento isolado, nem pode ser isolável da vida

cotidiana das pessoas. A percepção deve ser encarada como uma fase da ação exercida pelo sujeito sobre os objetos.

Inicialmente, é preciso lembrar que o espaço é um problema básico de toda percepção. Na verdade, percebemos um mundo cujas variáveis fundamentais são espacial e temporal, isto é, um mundo que tem extensão e duração. O conhecimento do mundo físico é tanto perceptivo como representativo.

Em Machado (1983) encontramos a seguinte afirmação:

a superfície da Terra é extremamente variada, mas são mais variadas ainda as maneiras como as pessoas percebem e avaliam esta superfície. O ser humano percebe o mundo através de todos os seus sentidos e a informação potencialmente disponível é imensa..

Se a percepção é um fator sempre presente em toda a atividade humana, isto não significa que ela tem um efeito marcante no seu envolvimento com paisagens e na conduta nessas paisagens.

Conforme Oliveira (1977), *este mundo, em que vivemos, está em contínua mudança e tomamos consciência dessas transformações através dos receptores sensoriais; o conhecimento do mundo físico é tanto perceptivo como representativo.*

A percepção é entendida, aqui, como uma interpretação com o fim de nos restituir a realidade objetiva, através da atribuição de significado aos objetos percebidos. Sendo assim, é preciso não confundir o ver com o perceber. O percepto não é inteiramente determinado pelo estímulo físico da visão, dependendo de uma contribuição do observador.

unesp

Para White apud Machado (1983), *a percepção ambiental é o entendimento e o conhecimento que os seres humanos têm do meio em que vivem com a influência dos fatores sociais e culturais*

Assim, a percepção dos moradores está estreitamente associada ao ambiente particular no qual vivem, às suas exposições a esses conjuntos. Às suas práticas sócio-econômicas.

Gupta (1993) afirma:

o processo de desenvolvimento de uma imagem na mente dos moradores torna-se complicado por fatores como tempo, necessidade, valor etc. Todavia, apesar de complicado, o processo deve ser entendido como parte essencial da explicação do comportamento humano no espaço".

Diante do exposto, verifica-se que a decisão da população de localizar-se em um certo lugar depende, de certa maneira, da imagem ou avaliação que ela tem deste lugar particular. Um morador pode localizar-se em um lugar devido ao ambiente físico favorável, ao ambiente social, ou a ambos. Mas este mesmo lugar pode ser rejeitado por outro morador que tenha uma imagem diferente dele.

Verifica que, *a realidade é vista diferentemente por diferentes pessoas e, talvez, diferentemente em momentos diversos pela mesma pessoa.*

Posto desta forma, a imagem de um lugar pode mudar na mente de um morador quer como resultado de mudanças nas situações no ambiente social ou físico, ou pelas mudanças nas formas de pensar do morador decorrentes de informações ou exposição a um ambiente pior ou melhor.

Corroborando o exposto Machado (1993) afirma:

os próprios lugares mudam com o tempo, mudam também o gosto dos moradores e visitantes. As razões pelas quais lugares são preferidos são

unesp

igualmente variados: alguns escolhem por razões puramente estáticas ou ecológicas, morais, econômicas ou ainda dependendo do humor ou perspectiva.

Lugares e objetos definem o espaço, dando-lhes uma personalidade. O lugar é um tipo de objeto.

2.2. Espaço - cidade - lugar: enquanto palco de significados

2.2.1. Espaço - cidade

O espaço está no centro das preocupações dos mais variados profissionais. Para alguns, objeto de conhecimento, para outros simples meio de trabalho.

Santos (1994) vê a questão do espaço como:

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento.

Visto assim, o conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: *um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas pois, têm um papel na realização social.* (Santos 1994).

Assim analisados, todos os espaços são geográficos porque são determinados pelo movimento da sociedade, da produção. O espaço resulta de movimentos superficiais e de fundo da

sociedade, uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos.

Segundo Silva apud Santos (1994)

> *o espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos naturais e artificiais.*

Então, falar em espaço, emerge dessa totalidade a cidade, o lugar. Pensar o propósito da cidade, fazer uma leitura da sua razão de ser, como afirma Hilmann (1993):

uma cidade é constituída sobre relações humanas, gente se encontrando e, entre outras coisas, o amor incrementaria as próprias coisas que são desejáveis numa cidade.

Sendo assim, pensar que o propósito das cidades é econômico ou político é uma idéia, sem dúvida muito recente. Desde o início, o propósito da construção de uma cidade foi algo instintivo nos seres humanos: quererem estar juntos, imaginar, falar ou trocar. Pensar a cidade dessa maneira é enfatizar que sempre houve lugares construídos dentro da cidade onde há uma quebra do seu aparente propósito.

Conforme Ferrara (1981):



não se pode pensar ruas, praças, avenidas, passeios, casas ou prédios como elementos autônomos, mas como fatores de um conjunto que dinamiza suas estruturas, e se denomina contexto urbano.

Nesse sentido, o contexto contribui para o significado da cidade e toda mudança do contexto implica alterações daquele significado. Assim sendo, o projeto de uma cidade supera em importância o partido das edificações que a compõem. Entendida como unidade de percepção, a cidade não é um dado, mas um processo contextual onde tudo é signo, linguagem. Ruas, praças, monumentos, edificações. O elemento que aciona essa percepção global é o usuário e o uso é sua fala, sua linguagem. Desse modo, uma praça só encontra seu espaço contextual no movimento em que é flagrada numa seleção de usos que lhe atribui significado.

Em Carlos (1992) temos a seguinte definição de cidade:

a cidade tem a dimensão do humano refletindo e reproduzindo-se através do movimento da vida, de um modo de vida, de um tempo específico, que tem na base o processo de constituição do humano.

Para essa autora, durante muito tempo a cidade foi analisada através de seus aspectos exteriores, o que ainda ocorre. Muita tinta foi gasta descrevendo-se o sítio da cidade baseado em seu quadro topográfico. Ela pensa a cidade dentro de uma totalidade a partir da qual ela é possível de ser apreendida.

A cidade enquanto produto histórico e social tem relações com a sociedade em seu conjunto, com seus elementos

unesp

constitutivos e com sua história. Portanto, ela vai se transformando à medida que a sociedade como um todo se modifica.

Aqui, nessa análise o devir, o movimento é interpretado como causa da evolução das cidades. Esse propósito de erigir uma cidade é uma visão materialista.

Corroborando o exposto, Santos (1993) afirma:

O desenvolvimento urbano brasileiro se relaciona com os processos econômicos, políticos e sócio-culturais associados às realizações tecnológicas num contexto temporal e histórico.

Sendo assim, o espaço se torna mais articulado às relações funcionais e mais desarticulado ao comando local. A tecnologia se adapta às necessidades de produção e de intercâmbio que precisam ser reguladas, o que ocorre nos núcleos urbanos.

Para Palen (1975):

a cidade caracteriza-se pela heterogeneidade: variedade, perpétua mudança, diferentes ocupações, interesses, classes sociais e bases culturais. É um objeto de contrastes : o luxo e a miséria podem ser vistos bem próximos a qualquer momento, o 'passeio' pelas ruas pode se tornar em ato de surpresa e perplexidade.

No trabalho deste autor, encontra-se a afirmação de que a cidade é responsável por uma "*contaminação*" cultural, social e física da população. O estilo de vida, é chamado de urbanismo. A cidade possui tom, ritmo e timbre próprios.

Verifica-se nessa análise a caracterização de um estilo de vida que ele denominou urbano, e que contrapõe-se a um outro, chamado rural. Essa contraposição fez emergir tipologias:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

QUADRO 1 - TIPOLOGIAS: CIDADE x CAMPO

CIDADE	X	CAMPO
- Complexidade		- Simplicidade
- Inovação, mudança e desorganização		- Regras, papéis e relações mutáveis
-Variedade, heterogeneidade e inovação social "Superficial", "Impessoal"		- Tradição, continuidade social e conformismo cultural "Gente de verdade"

Essas tipologias evidenciam abordagens múltiplas. Ao se delimitar fronteiras reais, visíveis, objetivas e subjetivas que emergem da ocupação do espaço pelo homem, faz-se um mergulho nos motivos que delimitam a interface cidade X campo e a partir dessa delimitação "os olhares" se aprofundam e na teia dos relacionamentos e das respostas sociais, começa-se a definir o "*modus vivendi*" operante nesses espaços.

Parafraseando Ítalo Calvino *Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai, que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles* (Calvino apud Filho e Bessa 1991).

O espaço geográfico é simultaneamente organizado e dividido. A divisão pode obedecer a critérios funcionais,

traduzidos nas paisagens. Daí a divisão entre cidade e campo, entre espaço urbano e espaço rural. Segundo Dollfus (1991): *Caracteriza-se cada um desses espaços por uma fisionomia própria, por ritmos de atividades, por densidades humanas e por fluxos diferentes.*

Para ele, nas sociedades industriais, as fronteiras entre urbano e rural ficam cada vez menos nítida, pois a organização do espaço geográfico baseado no industrialismo, promove uma invasão, uma dissolução do "*modus vivendi*" rural.

Conforme Sposito (1989), a urbanização é um processo e a cidade, forma concretizada deste processo. E afirma:

o espaço é história e nesta perspectiva, a cidade de hoje, é o resultado cumulativo de todas as outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim, produzidas pelas transformações sociais acorridas através dos tempos, engendradas pelas relações que promovem estas transformações.

Para Carlos (1992), a cidade aparece aos nossos olhos no plano do imediato, do diretamente perceptível, como concreto diretamente visível e percebido, forma, caos. E afirma: *A cidade que parece distante, aparece num emaranhado difícil de ser apreendido, quase impossível de ser capturado.* Ela vê a cidade de hoje, como pertencente ao capital. Dentro dessa análise, o homem é subjugado à cidade, pois se vê capturado pelas necessidades de consumo e lazer.

Rodrigues (1991) explica:

Os investimentos de incorporação ao espaço urbano e que demandam trabalho são adicionados à renda da terra e, também, provocam uma valorização diferencial no espaço urbano, por suas características diferentes - cada um deles dirigido a uma determinada fração de classe social.

unesp

As análises de Carlos (1992) e Rodrigues (1991) se complementam enquanto explicações da ocupação do espaço urbano dentro da condição de mercadoria, que este vai representar como reprodução espacial do capital. Dentro desse enfoque, Corrêa (1989) afirma: *o espaço urbano é fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campos de lutas. É constituído por diferentes usos da terra. É um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaços.*

Sendo assim, a historicidade do homem engendrou formas de organização espacial diversas. Dentro desta perspectiva, o estar no mundo, organizando-se, apropriando-se da natureza, buscando formas de usos dos recursos naturais, foi produzindo mudanças substanciais no espaço, resultando a fragmentação deste, à medida que esses usos foram se diferenciando.

Segundo Ferrara (1993), além das explicações sócio-econômicas do urbano, estão as imagens da cidade que assinalam uma robusta realização humana, uma forma distinta da civilização. E afirma: *nessas imagens, estão as representações, a linguagem urbana através da qual não apreendemos as explicações abstratas, mas aquelas constantes que atingem e modelam o nosso cotidiano.*

Desse modo, as imagens urbanas despertam a nossa preocupação na medida que marcam o cenário cultural da nossa rotina e a identificam como urbana: o movimento, os assentamentos humanos, os transportes, o barulho, o tráfego, a verticalização, a vida fervilhante.

Por tudo isso, a cidade se caracteriza como:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

- Construção do espaço - tempo - lugar conteudizados historicamente, onde diante da apreensão do presente - podem-se detectar nele as raízes do passado que o fazem ser: uma questão de memória;
- Sítio e situação de lugares com objetos e atores sociais, mediados por "*vazios*" ou apinhamentos em escalas de mobilidade e momentos diferentes;
- Criação de espaços conceituais passíveis de serem objetivados em representações e sentimentos através da dialética de ações individuais e coletivas num quadro de qualidade ambiental. (Alberti 1995).

Sendo assim, a percepção urbana é condição indispensável para que a cidade atue enquanto fonte de informação nova: outros hábitos, outra forma de viver, outra qualidade espacial. Na homogeneidade da urbe, o hábito é a sedimentação de um uso urbano e, ao mesmo tempo, o fator da baixa definição da cidade enquanto fonte de informação.

Conforme Ferrara (1988): *...é pelo uso que o homem se apropria do espaço ambiental, identificando-o e se identificando com ele. É o uso que dinamiza o espaço e o concretiza como modo de ser de uma cidade ou de um modo de viver.*

Explica que, a articulação entre percepção e uso urbanos pode dar à participação do usuário no estudo da cidade uma dimensão concreta e prática. Através dos hábitos e do uso, o lugar, a cidade acabam por ser tornar homogêneos; sendo assim, seria necessário acionar mecanismos para que a percepção se

totalize e a partir daí, recompor os elementos constitutivos da qualidade urbana a fim de estimular sua integração.

Desse modo, a recomposição dos elementos, bem como a estimulação da percepção, acabariam por incentivar as mudanças de usos, novas explorações do espaço urbano, da qualidade de vida e de preparação para outros usos.

2.2.2. E o lugar ?

A concepção de lugar pode estar delineada através de antigos manuscritos filosóficos de Aristóteles, lugar ou "*topos*" em sua visão, a dimensão de lugar estava no parentesco das pessoas para o ambiente físico, implorando o sentimento de possuir (pertencer). Os romanos, séculos atrás, usaram o termo "*Genius Loci: o espírito de um lugar*". O "*Genius*" tinha o "*espírito de guardião*" da localidade física.

Como afirma Sime (1986): *O termo lugar, opõem-se a espaço, implica num grande vínculo emocional, temporário ou muito prolongado entre a pessoa e o local físico em particular.*

Corroborando o exposto, Tuan (1983) explica:

> *o lugar é um tipo de objeto: lugares e objetos definem o espaço, dando-lhes uma personalidade. Para o novo morador, o bairro é a princípio uma confusão de imagens. Aprender a conhecer o bairro exige a identificação de locais significativos, como esquinas e referenciais arquitetônicos, dentro do espaço do bairro. Objetos e lugares são núcleos de valor. Atraem ou repelem em graus variados de mudanças.*

Em artigo de Heidegger, que foi traduzido primeiramente em 1962, Norbert - Schulz apud Sime (1986) defende a teoria de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

lugar que enfatiza a qualidade pessoal da existência existencial ou a *existência do mundo*. Ele argumenta que a concepção do espaço existencial é de importância central. Passou a usar a concepção de "*lugar*" para definir as características do "*espaço existencial*".

Sendo assim, a intenção existencial da construção é, portanto, fazer um local tornar-se um lugar para revelar a idéia potencialmente presente no ambiente.

A importância do termo "*sensação de lugar*" está no *high-lighting* da sensação de identificação do ambiente particular. Essa é a visão da Geografia Humana. Rowles apud Sime (1986) afirma:

O crescimento na mobilidade atual das gerações mais velhas está resultando numa manifestação de transformação do afeto com o lugar. A transformação através do afeto pela proximidade familiar do meio físico por uma na qual a identificação com os lugares pode envolver substituto envolvendo dentro da remoção da ocupação.

Sendo assim, os lugares podem ser construídos e reconstruídos dentro da mente.

Na Psicologia do lugar, as cenas, ações, imagens e concepções foram abordadas por Canter apud Sime (1977), que publicou um livro entitulado "*Psicologia do Lugar*". Explica que lugar é uma combinação de cenas, imagens e de ambientes físicos.

O lugar é um fenômeno inteiro, constituído e natural, um parentesco de atividades sociais que seriam adaptadas para favorecer ou valorizar a locação particular e determinações pessoais e o pensamento interessado.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Relph apud Sime (1986) explica:

a identidade de um lugar está compreendida por 3 componentes interrelacionados, cada um irredutível por outras características ou aparências físicas, atividades visíveis e funções e idéias ou símbolos.

A categoria lugar, abordada dessa maneira, permite uma análise mais subjetiva, posto que identifica a relação de afetividade que vai permear o dualismo indivíduo-espaço. Uma relação traduzida, segundo os autores acima, por sentimentos, valores, atitudes e significados que os moradores desenvolvem e atribuem frente ao lugar onde moram.

Essa concepção humanística do lugar é envolvente. Apresenta um "*olhar*" sensível sobre objetos e coisas, signos e instrumentos dentro do espaço.

Aqui não cabem visões históricas, porque o cerne da questão não recai na reprodução do espaço, da cidade, do lugar enquanto produto histórico das espacialização do capital. Ao contrário, quer se enveredar por outros caminhos, buscando filosofar, psicologizar sobre como estamos no mundo, na tentativa de justificar que o propósito de uma cidade ou de um lugar, não deriva de questões que se prendam só ao físico e ao econômico.

O que se pretende é investigar o fenômeno do estar aqui (o aqui como categoria de lugar), que envolve o indivíduo, suscitando nele não só o engajamento político, mas sobretudo o emocional.

Para Tuan (1983):

uma pessoa no transcurso do tempo, investe parte da vida emocional em seu lar e além do lar, em seu bairro. Se despejado, pela força, da própria casa e

unesp

do bairro é ser despedido de um invólucro, que devido à sua familiaridade protege o ser humano das perplexidades do mundo exterior.

Posto assim, verifica-se a ênfase na análise emocional e afetiva que se atribui na relação homem-espaço-lugar.

Russel e Ward apud Bonnes et al. (1990): *definem 'lugar' como unidade psicológica ou percebida do meio-ambiente geográfico.*

Parece existir um consenso de vários autores quanto:

1. à importância central da experiência dos lugares no entendimento da relação ambiente individual;
2. da forma organizada que esta experiência tende a tomar pelo indivíduo.

A essas questões norteadoras, somam-se investigações de natureza diversa envolvendo geógrafos, sociólogos, urbanistas, historiadores, planejadores urbanos etc.

A idéia, que remete à concepção de lugar, é entendida no presente trabalho, como realidade percebida pelos usuários destes lugares, através de sua nomenclatura e não de sua identificação físico-espacial.

Segundo Certeau (1994): *Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar no estudo de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo.*

Sendo assim ,estamos nos lugares pelas lembranças. Isso não pode interessar a ninguém, mas enfim é isso que faz o espírito de um bairro. Só há lugar quando freqüentado por espíritos múltiplos, ali escondidos em silêncio, e que se pode

"*evocar*" ou não. Só se pode morar num lugar assim povoado de lembranças.

Certeau (1994) afirma: *Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência.* Assim a rua, geometricamente definida por um urbanismo, é transformada em espaços pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos - um escrito.

Para Carlos (1992), as relações com o lugar são determinadas no cotidiano, para além do convencional. O espaço é o lugar do encontro e o produto do próprio encontro; a cidade ganha teatralidade e não existe dissociada da gente que lhe dá conteúdo e determina sua natureza.

Santos (1987) vê o cotidiano construído assim:

... há, porém, um outro cotidiano, aquele pelo qual o homem redescobre a consciência e busca ampliá-la. Este cotidiano não se defende apenas pela letra de uma Constituição Federal, mas igualmente (e mais freqüentemente) pelas regras de convivência no lugar mesmo em que ele vive.

Dentro dessa concepção, vê a consciência do homem como condição "*sine qua non*" para se estar no mundo, buscando a constituição de um cotidiano alicerçado na plenitude de ser histórico e ativo.

A bibliografia citada estabelece a importância da análise do lugar, com base em investigações de natureza perceptiva.

Para Ferrara (1988), uma pesquisa de percepção ambiental poderá usar como fonte de informação, três canais básicos, descendentes e hierarquizados, tendo em vista as características

unesp

das quais se partiu. Esses canais podem ser explicitados, levando em consideração os seguintes aspectos:

1. Para apreender a cidade como imagem, como espetáculo, é necessária uma indagação colada à sua própria realidade cotidiana, ou seja, é necessário colher informações diretamente: ir para ver. O contato direto com a realidade supera, em informação, qualquer abstração dedutiva ou quantitativa;
2. A cidade como espaço do pesquisado;
3. A cidade como espaço do pesquisador.

Nesse sentido, conclui-se que os dois últimos aspectos apontam, para esse tipo de pesquisa, uma dupla conquista: do pesquisado, para romper a cadeia dos seus hábitos e descobrir seu lugar urbano; e do pesquisador, para ser capaz de ler e interpretar a informação emitida pelo usuário à medida que se relaciona com o espaço em questão.

Conforme Berger (1976): *toda situação social é mantida pela trama de significados para ela levados pelos vários participantes.*

Os participantes que são os indivíduos, vão atuando como se estivessem num palco e através dos usos, dos hábitos desenvolvidos dentro dos espaços, vão moldando o "*modus vivendi*" peculiar aos grupos sociais. De tudo isso, resulta uma complexidade de interações, um painel vivo das construções humanas.

Daí o interesse em estudar um Núcleo Habitacional, seu "*modus vivendi*", a trama de interações que se efetivam, dentro do cotidiano dos moradores, com uma intervenção, para que esta

unesp

possa oferecer subsídios que auxiliem na composição das diversas interpretações que os usuários têm do lugar onde vivem.

É nisso que nos debruçamos nos capítulos seguintes e que ora iremos registrar.

CAPÍTULO III

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

CAPÍTULO 3 - O MUNICÍPIO DE PEDERNEIRAS - SP:

3.1. Localização cósmica e geográfica, aspectos fisiográficos

O município está localizado na zona fisiográfica de Araraquara. Sua sede está situada a 22° 20' de latitude sul e 48° 47' de longitude oeste de Greenwich, distando da capital 259 km, em linha reta. Limita-se com os municípios de Macatuba, Arealva, Bauru, Agudos. Acha-se situado a 476 metros.

O município de Pederneiras - SP acha-se localizado no Planalto Ocidental Paulista. Trata-se de uma vasta superfície de reverso de cuesta rabaixada por pediplanação onde os rios Tietê, Aguapeí, Peixe e Santo Anastácio, correndo paralelamente entre si, em direção ao Rio Paraná refletem o mergulho das camadas rochosas. Sua geomorfologia é caracterizada por uma sucessão de interflúvios, ora mais, ora menos ondulados, configurando um *"mar de colinas"* onde se destacam em pontos isolados, relevos residuais em forma de pequenos *"platôs"* sustentados por rochas areníticas carbonatadas como a Serra do Mirante em Exaporã-Marília e em forma de morros em camadas areníticas fortemente silicificadas como o Morro do Diabo.

O clima do município é do tipo tropical com temperaturas anuais oscilando entre 21° e 22° C. Na classificação de Köppen do tipo Cwa, com inverno seco. O total anual de chuvas é de ordem de 1.000 a 1.300 mm, concentradas nos meses de dezembro, janeiro.

unesp

Os solos do município são uma combinação de diversos tipos que vão da terra roxa estruturada, latossol vermelho a solos hidromórficos nas margens dos córregos e ribeirões.

O município de Pederneiras - SP estende-se até a margem direita do Rio Tietê e possui a rede hidrográfica composta por vários ribeirões e córregos dentre eles: Ribeirão Pederneiras, Córregos da Paciência, dos Macucos, do Curtume, da Cachoeirinha etc.

3.2. Breve histórico da ocupação

Até o ano de 1840, o território, hoje ocupado pelos municípios de Pederneiras, Iacanga, Arealva e Reginópolis (ex-Batalha), estava inteiramente em poder dos índios.

Os sertanistas, Manoel dos Santos Simões e seus filhos, Manoel Leonel dos Santos e João Leonel dos Santos, foram os primeiros posseiros das terras em que se localiza esta cidade. O registro dessas terras a tais sertanistas foi feito na sede Paroquial de Botucatu (Freguesia de Santa Ana), pelo então vigário Padre Joaquim Gonçalves Pacheco, em 1848. Denominam-se *"Fazenda Pedemeiras"*, em virtude de grande quantidade de pedra-de-fogo encontrada no local.

A fazenda, e depois, Povoação de Pederneiras, desligando-se de Botucatu, passou a pertencer ao município de Lençóis, criada pela Lei nº 90, de 24 de abril de 1865.

unesp

Em 14 de junho de 1877, Aureliano Gonçalves da Cunha e sua mulher doaram um alqueire de terra para a construção da Igreja. Foi erigida a Capela sob a invocação de São Sebastião da Alegria, a qual se transformou na Igreja matriz.

Pelo Decreto nº 22, de 22 de fevereiro de 1889, assinado pelo Presidente da Província, Pedro Vicente de Azevedo, foi a povoação de Pederneiras elevada à categoria de Freguesia de São Sebastião da Alegria.

A 7 de julho de 1891, sob a presidência do Coronel Coimbra, foi feita a instalação oficial do município.

O município conservou o nome de São Sebastião da Alegria até 23 de maio de 1894, data em que, por deliberação unânime da Câmara, voltou a adotar a sua antiga denominação.

Em 26 de abril de 1928, foi instalada a Comarca de Pederneiras, tornando-se esta independente da tutela jurídica da Comarca de Jaú.

Em face da Lei Estadual nº 223, de 24 de dezembro de 1948, no quadro territorial fixado para o período de 1949-1953, a Comarca de Pederneiras, constitui-se dos seguintes municípios: Pederneiras, Arealva, ex-Distrito de Soturna, Iacanga e Macatuba e dos seguintes Distritos:

Santelmo, Guaianás, Vanglória. (Penteado - 1988).

CAPÍTULO IV

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

CAPÍTULO 4 - Plano Nacional de Habitação

4.1. Algumas considerações *históricas.*

Em agosto de 1964, com a Lei nº 4.380 é instituído o Banco Nacional de Habitação e o Sistema Federal de Habitação, com os objetivos de coordenar a política habitacional dos órgãos públicos e orientar a iniciativa privada, estimulando a construção de moradias populares; financiar a aquisição da casa própria, melhoria do padrão habitacional e do ambiente, eliminar as favelas, aumentar o investimento da indústria de construção e estimular a poupança privada e o investimento.

A política habitacional assume um modelo empresarial, num momento que é crucial para o novo regime, dar provas de que é capaz de atacar problemas sociais, resolvendo a questão da moradia.

A escolha da habitação como eixo da política urbana, deveu-se à tentativa de diminuir as tensões nas áreas urbanas. Atende-se a uma necessidade e a uma reivindicação (estabilidade social); acentua-se a filosofia da casa própria (aliados da ordem) e aumenta-se o índice de empregos; e propicia-se o crescimento econômico geral, considerando-se que para a indústria de construção é necessário um grande número de insumos industriais que possibilitariam uma arrancada de crescimento de um "*Brasil Grande*".

Com a criação do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), Lei nº5.107 de 14 de setembro de 1966 e a designação

do BNH como gestor financeiro do Fundo, a questão dos recursos escassos se resolve. A outra fonte de recursos para o BNH é proveniente das Cadernetas de Poupança.

O Banco Nacional de Habitação passa a ser o grande mecanismo de financiamento da produção da habitação. O capital financeiro em grande medida será rejeitado na produção da cidade e da casa pelo BNH. (Rodrigues 1991)

4.1.1. As COHABs

As Companhias de Habitação Popular, sob sigla COHABs, são sociedades de economia mista com participação majoritária de governos estaduais ou municipais, que atuam no campo da habitação de interesse social como agentes promotores e financeiros. São várias entidades no território nacional, sendo que algumas delas, fogem à regra geral de constituição jurídica como S.A.: há autarquia, empresa pública, fundação, sociedade limitada e departamento subordinado à prefeitura, com "*status*" de Secretaria Municipal. Por isso quando se faz referência ao conjunto dessas entidades, costuma-se dizer "COHABs e ORGÃOS ASSEMELHADOS".

Como agentes promotores e financeiros, as COHABs e Órgãos Assemelhados incumbem-se também de, principalmente, através de empréstimos do SFH, produzir habitações destinadas às famílias de baixa renda (em torno de 5 salários mínimos de renda mensal). A venda das habitações construídas realiza-se

unesp

mediante financiamentos. Com prazos de até 25 ou 30 anos, com taxas de juros variáveis, dependendo do valor do imóvel.

Os imóveis que podem ser casas, apartamentos ou lotes urbanizados, são vendidos, ou melhor, prometidos à venda, pelos respectivos preços de custo, no qual estão embutidos os valores do terreno, da construção, de obras viárias internas ao conjunto habitacional, áreas de lazer e infra-estrutura, estas quando o poder público local não tem condições de executar por sua conta (redes de água, luz, esgotamento sanitário etc).

A atuação das COHABs em relação a cada projeto não termina após a entrega das unidades produzidas, continuando durante os anos contratuais (financiamento), sob a forma de administração dos créditos e assistência social e comunitária às famílias adquirentes.

Havendo se constituído em épocas diversas, ao longo dos anos de atuação do BNH, sofrendo reflexos das características e peculiaridades de cada estado e municípios onde se implantaram, e, não tendo um regulamento geral único, as COHABs mantêm entre si algumas diversidades estruturais e de funcionamento. *

4.1.2. A Companhia de Habitação Popular de Bauru - COHAB - BAURU

A criação da Companhia de Habitação Popular de Bauru foi autorizada pela Lei Municipal nº 1.222 de 01 de abril de 1966,

* Dados obtidos junto à COHAB - Bauru.

unesp

assinada pelo então vice-prefeito em exercício, Sr. Horácio Alves Cunha.

A COHAB - Bauru - é sociedade de economia mista que tem como sua maior acionista a Prefeitura Municipal de Bauru, que destinou à entidades o terreno para a construção do 1º Núcleo Habitacional do Município. O terreno entrou como a cota da Prefeitura para a integralização do capital da empresa.

Seus objetivos:

1. Atuar, de forma contínua e permanente nos programas habitacionais destinados à produção, comercialização e financiamento de habitações, para moradia própria dos adquirentes, podendo ser credenciada como Agente Financeiro de operações com recursos municipais, estaduais e federais;
2. Realizar operação de crédito destinado à produção e comercialização de lotes urbanizados ou à realização de obras de infra-estrutura e equipamento comunitário em conjunto habitacional;
3. Atuar na área da construção civil podendo, desde que se faça necessário, comercializar materiais de construção e atuar como incorporadora e administradora de bens.

A Companhia tem sua atuação, como Agente Financeiro e Promotor de Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), restrita ao Estado de São Paulo.

CAPÍTULO V

Capítulo 5 - Núcleo Habitacional "Michel Neme" Pederneiras - SP

5.1. Algumas notas históricas

Em Concorrência Pública nº 33/75, a Companhia de Habitação Popular de Bauru - COHAB -Bauru*, tornou público, concorrência pública para a construção de um Núcleo Habitacional de 680 (seiscentos e oitenta) casas populares, relativas ao Projeto - Pederneiras II, na cidade de Pederneiras, Estado de São Paulo, de acordo com o projeto aprovado pelo Banco Nacional da Habitação e de acordo com as normas estabelecidas no presente edital, que serão fornecidas as firmas interessadas ao preço de Cr$ 3.000,00 (três mil cruzeiros), a Rua 7 de setembro, nº 11-60, nesta cidade de Bauru onde serão prestadas as demais informações. A COHAB - Bauru - se reserva ao direito de dividir a obra em setores.

No of. COE 759/76, destinado ao Exmo. Sr. "Michel Neme", D.D. Prefeito Municipal de Pederneiras (SP), a Companhia de Habitação Popular de Bauru, COHAB -Bauru, em nome do seu Diretor Técnico, Engº Newton Carlos Pereira Ferro, requereu aprovação das plantas e memoriais relativos a construção de 680 casas do 2º Núcleo Habitacional desta Companhia.

O núcleo foi inaugurado no dia 31 de janeiro de 1977, com a presença do Prefeito de Pederneiras Waldomiro Fernandes

---

* Dados obtidos junto à Prefeitura Municipal de Pederneiras - Setor de Planejamento e COHAB - Bauru.

Mateus, do ex-Prefeito "Michel Neme", do Presidente da Câmara Municipal João Moscateli e de várias autoridades.

5.2. Caracterização do Núcleo "Michel Neme" - Pederneiras - SP

5.2.1. Localização:

O núcleo "Michel Neme" está situado a oeste do Município de Pederneiras - SP, fazendo limite:

- ao norte: Distrito Industrial I
- ao sul: Avenida Brasil
- ao leste: Distrito Industrial III
- a oeste: Volvo Equipamentos de Construção S/A

5.2.2. Áreas do núcleo

A área total do núcleo, compreende 295.651,00 metros quadrados . a área foi adquirida pela COHAB - Bauru em 1975, visando a construção do 2º Núcleo Habitacional de Pederneiras - SP.

As áreas que demarcam um Núcleo Habitacional são determinadas por leis federais e municipais, conforme área total do núcleo a ser construído.

A área para a construção do núcleo "Michel Neme", ficou assim distribuída:

Nº 820
BIBLIOTECA - UNE
CAMPUS DE BAU

- Área dos lotes: 137.220,00 (46,40% do total)
- Área de praças: 29.585,00 (10,01% do total)
- Ruas: 98.852,00 (33,44% do total) reservadas para:
  - Centros comerciais (2) 1,004,00 (0,34% do total)
  - Creche/P. Infantil (1) 3.575,00 (1,21% do total)
  - Equipamento comunitário (5) 2.096,00 (0,45% do total)
  - Recreação/esportes (5) 15.540,00 (5,26% do total)
  - Ginásio/grupo escolar (1) 6.451,00 (2,18% do total)
  - Cultos religiosos (3) 1.328,00 (0,71% do total)

5.2.3. Caracterização das habitações existentes:

O núcleo "Michel Neme" possui um número total de 680 casas, sendo:

— 140 do tipo BU - 1 - 2 - 34 (2 dormitórios)

— 300 do tipo BU - 1 - 3 - 42 (3 dormitórios)

— 140 do tipo BU - 1 - 4 - 49 (4 dormitórios)

- ✓ natureza da obra : alvenaria de tijolos sobre base de concreto simples
- ✓ recuo: 3,00 m do alinhamento da rua
- ✓ fundação: alvenaria de tijolos sobre sapata corrida de concreto simples
- ✓ pés direitos: 2,50m

unesp

- pisos: serão todos cimentados, alisados à colher
- forro: nas casas serão feitos 2 tipos = lajes pré-moldadas de barro cerâmico e tábuas de pinho ou peroba macho-fêmea, tipo paraná
- cobertura: as casas serão cobertas com telhas de barro de primeira qualidade, tipo francesa
- esquadrias: todas as paralelas serão de ferro "L" e "T"
- as portas e respectivos batentes serão de madeira
- impermeabilização: as paredes da cozinha, banheiro e tanque serão impermeabilizadas com barra a óleo, até a altura de 1,55m acima dos respectivos pisos
- pintura: batentes, portas, vitrôs e portões serão pintados a óleo em três demãos.
- As paredes de chapisco grosso, receberão pintura em tinta plástica em três demãos. As demais paredes de pintura não especificadas, serão pintadas com cariação em três demãos
- Sistema de água: será ligada a rede de abastecimento municipal
- Esgoto sanitário: será ligada à rede de servidão municipal

5.2.4. Equipamentos Comunitários:

— Escolas: o núcleo "Michel Neme", possui:

- uma escola pública de 1° e 2° graus, intitulada EEPSG Profª. "Alva Fabri" Miranda,

- uma EMEI, Escola Municipal de Educação Infantil, intitulada Profª. "Tharcila Hidalgo L.R.S. Neto" que funciona com:
- 1 pré - manhã, oferecendo 30 vagas,
- jardim II - manhã, oferecendo 30 vagas,
- 1 jardim - tarde, oferecendo 30 vagas
- 1 pré - tarde, oferecendo 30 vagas e
- 1 jardim I - tarde, com 25 vagas.
- 1 Parque infantil
- 1 Estádio distrital
- Associação de Moradores: inaugurado a 10 anos, como local de festas, reuniões, jogo de "*bocha*", "*forrós*", bailes. O prédio da Associação é alugada para os moradores em caso de festas de aniversários ou outros fins, por meio salário mínimo, segundo relato de alguns moradores
- Possui 2 (duas) praças
- 1 centro comercial
- 1 Igreja Católica
- 1 Templo Evangélico
- 1 Posto de Saúde
- 1 caixa d'água da SABESP (Empresa de Saneamento Básico)

Existe pavimentação em todo o núcleo, água e esgoto também (responsabilidade da SABESP), coleta de lixo diária, iluminação pública em todas as casas e ruas, praças e

instalações comunitárias, orelhões, telefones públicos, transporte coletivo (Empresa Circular da Cidade de Pederneiras-SP)

Essas informações são inventários que se faz da área em estudo, fornece-nos a primeira leitura sobre o lugar. Leitura esta, desprovida de qualquer subjetividade, pois representam puramente a descrição física de caracteres socialmente produzidos.

A partir daí, "*mergulha-se*" numa "*leitura*" mais íntima desse local de morada, como proposta real, desse trabalho.

CAPÍTULO VI

CAPÍTULO 6 - *ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO*

6.1. Caracterização dos sujeitos envolvidos

Dentro do critério utilizado para o prosseguimento do trabalho (sujeitos residentes no núcleo), a pesquisa foi desenvolvida com 4 (quatro) moradores escolhidos ao acaso.

Um sujeito, que chamarei de M① (morador 1), reside no núcleo há dez anos. Veio de Belo Horizonte, não trabalha fora, casada, tem uma filha, faixa etária 40 anos.

O sujeito M② (morador 2) é residente no núcleo desde a sua fundação (22 anos), tem 60 anos, não trabalha fora, casada, filhos crescidos, morava no município, mas em outro bairro.

O sujeito M③ (morador 3) é professora primária, tem 22 anos, "nasceu" no núcleo, casada, tem 2 filhas.

O sujeito M④ (morador 4) é aposentado, 47 anos, reside no núcleo há 22 anos, nascido e criado no município.

Um aspecto significativo na escolha dos sujeitos residiu no fato de que percepções e interpretações diferentes dentro de um mesmo lugar, enxertariam todo o referencial teórico que a priori, sustentou a pesquisa. A interpretação que cada um dos sujeitos ofereceu nos depoimentos, veio corroborar a reflexão acerca do *"locus"* de morada como um espaço repleto de significados, com identidade definida, mapeada mentalmente... Os relatos extraídos conduziram a interpretações riquíssimas de como o indivíduo constrói (a partir de seu tempo mental) e elabora, reflexão sobre seu "*modus vivendi*" e, também, experienciando o lugar e

incorporando as impressões, ele irá definindo e personificando o lugar onde vive .

6.2. Significado de "*Lugar*" para os moradores

O significado de lugar atribuído pelos moradores, não coincide com a definição de lugar compreendida pelos estudiosos do assunto. De uma forma geral, entendem lugar como localidade, ou seja, rua, praça, logradouro etc.

Conforme verificamos na literatura na qual nos fundamentamos, lugar implica a vivênciar, estar, experienciar, identificar, refletir o mundo. Nesse conjunto de situações, temos o indivíduo (habitante desse lugar). E esse indivíduo é o personagem nuclear que desenvolverá uma dinâmica com forte carga emotiva, que o conduzirá a olhares, leituras e percepções sobre o espaço, onde construirá seu *"lugar"*.

Na cidade, qualquer bairro aos olhos de seu novo morador, parecerá um emaranhado de símbolos difíceis de serem decifrados. À medida que o tempo (mental e social) se processa, mudanças são efetuadas dentro desse *"novo morador"*, provocadas, também pelo "*uso*" desses símbolos. Com isso, cria hábitos, estabelece condutas, etc.

Vejamos o depoimento de um dos moradores:

> *(...) "Ah, me sinto segura em morar aqui. A questão da segurança, da comodidade, até a polícia se preocupa com o bairro, o crescimento, indústrias ao redor, casas bonitas, loteamentos, é bom*

unesp

morar aqui, por enquanto não tem nada que desabone o bairro. Está sempre em ordem. "(...) M①

Verificamos que o depoimento de M①, recaiu em associar lugar com segurança.

A existência segura, livre de impedimentos externos ou alheios a sua vontade é que reforçam seus laços com o lugar que escolheu para morar.

Ora, sabe-se que a escolha da moradia implica questões múltiplas: financeira, estética, cultural e psicológica (com suas nuances individuais).

Também, para esse mesmo sujeito, a escolha do lugar para morar é defendida assim:

(...) " viemos de Belo Horizonte. Optamos por morar aqui. Da cidade, o lugar que mais gostei, foi aqui. Foi o que me simpatizou. Dentre todos os lugares que olhamos, foi aqui. Todos nós gostamos. Por causa da localização, perto da avenida. A gente chega da cidade grande e está acostumada com mais movimento. Na avenida pareceu ser o lugar adequado, não sei "(...)

Nessa assertiva, evidencia-se uma escolha própria, consciente, racional. Por outro lado, outra análise permite perceber que na expressão "*foi o que me simpatizou*", expressa apenas afeição instantânea por algo que os sentidos registraram (no caso a visão). É interessante verificar, como essa situação de "*bater o olho e gostar*" é uma condição "*sine qua non*" (embora não

determinante) do indivíduo em se fixar em determinados lugares. Verificamos nos depoimentos expressões como:

"me identifiquei muito com tudo isso aqui" M①

"*adorei esse lugar, me lembra tantas coisas boas*" M③

"*a impressão que tenho, é que sempre pertenci a esse lugar*". M④

Isso nos leva às seguintes indagações:

— Como isso ocorre? Por que pessoas se identificam tanto com lugares, mesmo que esses não componham roteiros turísticos que por força da mensagem mercadológica, já, originariamente, compõem o imaginário popular?

Existe um nó vital em tudo isso e que se compõe de apreensão, percepção, envolvimento, reflexão e identificação. Aqui caberia uma consideração do Projeto Cingapura que, a priori, pretendeu manter o favelado no lugar onde este desenvolveu a seu redor um conjunto de significados que ficariam difíceis de serem rompidos. Não entrando no mérito do sucesso ou insucesso de tal Projeto, é pertinente ressaltar que ele centrou preocupação em não erradicar o favelado, levando-o para outro lugar que para ele não representaria nada.

Sabemos, através da literatura consultada, que as condições de vida dos moradores em locais sem amenidades, são precárias e até subumanas. Mas o lugar de moradia, independente dessas questões citadas, "*escolhida*" ou não pelo novo residente ultrapassa a objetividade da vida cotidiana. O lugar para o indivíduo adulto representa a definição de espaços vividos e sua

unesp

identificação com símbolos (praças, bares, clubes, ruas). Através de seu corpo, ele se mostra ao mundo, se movimenta, cria, recria e, nas pausas, se estabelece, sonha, sente, reflete. Esse ir e vir, que é uma constante, vai tecendo uma rede de vida, de cores, de sons...

O lugar pode significar o "*canto*" onde esse indivíduo, durante as suas pausas, sente-se grande, dono, seguro, verdadeiro. Ele elege pontos dentro do seu bairro como lugares preferidos que acabam por imprimir a esse morador códigos, sinais, situações. A integração morador-bairro, elege lugares incorporados ao "*modus vivendi*" do espaço geográfico onde se estabeleceu.

Por exemplo, tal lugar pode ser uma caverna, embaixo de um viaduto, no morro, no vale de um ribeirão, no meio da mata, na cidade grande. Enfim, eleger um lugar como categoria do estar no "*aqui*" que é seu, implica em identificação, reflexão, percepção, conforme bem diz Tuan (1983), *uma localidade se torna um centro de reconhecido valor.* Nas pausas que o homem faz em seu movimento dentro da vida, acontece a intensidade de seu sentimento de lugar.

6.2.1. E a permanência?

A permanência se mostrou um elemento importante na idéia de lugar. Vejamos como M② afirma:

unesp

> *(...) "Se eu sair daqui acho que fico meio perdida. Representa minha vida, tudo que tenho consegui aqui. Tem a Igreja que ajudei a construir, não tenho coragem de sair daqui "(...)*

Percebe-se que M②, fala de realidade, de vida real, construída, edificada. O "*ficar perdida*" implica em perder referências estabelecidas durante os anos de vivência e convivência. Para ela "*permanecer*" significa fazer parte da história do bairro: "*... tem a Igreja que ajudei a construir*".

Semelhante a esse depoimento, Tuan (1983) apresenta em sua pesquisa o relato de uma moça da zona rural de Illinois - Estados Unidos, que foi com seu marido passar a lua-de-mel na Califórnia. A expressão foi a seguinte: *Não ficamos todo o tempo que havíamos planejado; fazemos sempre isso quando saímos de viagem. É tão irreal estar fora daqui. Fora daqui o mundo é irreal. Aqui sabemos onde a vida começa e acaba. Nossa vida real está aqui..*

Permanência e afeição pelo lugar estão imbricadas uma na outra e isso foi significativo no depoimento de M②, conforme observamos:

> *(...) "eu pagava aluguel. O meu marido trabalhava na Clark. Agora mudou e a gente continua aqui. A gente gosta do bairro, não tem violência, é o melhor bairro, aqui em Pederneiras. Tem a escola, ônibus para Bauru, Jaú, a cidade também é perto, as casas também são boas "(...)*

Conforme nos apresenta a literatura, a questão da afeição pelo lugar é construída em tempos que vão se acumulando. Experiências íntimas com lugares que geram no interior do

unesp

indivíduo, vínculos, arraigamento; afeição ou experiências que Tuan (1983) chama de Topofilia: *sentimentos positivos, de aceitação, com atribuição de valores frente ao meu ambiente que se está exposto.*

Percebe-se que M② fala da cidade como algo estanque do bairro, numa concepção que evidencia a dicotomia bairro/cidade. E por que isso ocorre? Pode-se analisar sobre a lógica da exclusão. Os moradores dos bairros periféricos (principalmente dos Núcleos Habitacionais), sentem-se à parte da vida do centro (que eles designam de cidade). Isso decorre principalmente por questões materiais de existência. Os núcleos habitacionais *"suprem"* uma demanda de moradia das classes menos favorecidas. Essas, sabem da parte que lhes cabe e também percebem essa fragmentação. Mas no caso de nosso sujeito, este não se refere ao fato como algo doloroso ou humilhante. Exprime em seu discurso, a afeição, sobretudo quando afirma: *"e a gente continua aqui"*.

As pessoas são criadoras de *"lugares"*. Experiências e comportamentos que essas desenvolvem durante suas vidas, dentro de um espaço definido e apreendido, impinge marcas que acentuam a tipologia da vivência dos grupos humanos no dualismo objetividade-subjetividade.

Isso representa que a concepção de lugar, é o oposto de espaço, pois o primeiro resulta de vínculos emocionais temporário ou não entre o indivíduo e o local físico. É uma análise psicológica, subjetiva, que não quantifica os equipamentos, recursos, técnicas, dimensões etc.

unesp

No fundamento da "*Psicologia do Lugar*" não há preocupação em elencar a escala, a topografia, a quantidade ou a qualidade do local que na maior parte das vezes é visto pela ótica do planejador, arquiteto ou geógrafo.

Os lugares têm "*alma*", inspiram, afligem, encantam, atraem, repelem em graus variados. Vai depender do observador, que é o usuário do lugar. Pode ser uma rua, um bar, uma casa, um bairro, uma praça, uma esquina ou uma cidade inteira.

Interessante é refletirmos que a totalidade do espaço visível, nem sempre corresponde necessariamente à totalidade do espaço real. Os espaços mais significativos dentro do contexto maior que é a cidade significa um "*recorte*" na totalidade do espaço, como no caso de São Paulo, que é uma metrópole nacional, em que alguns moradores elegem alguns símbolos urbanos que mais lhes agradam. Muitas vezes, o próprio bairro, ou ainda, a rua onde residem, representam a totalidade da cidade. A eleição, passa por critérios meramente subjetivos sem a influência dos recursos técnicos (mídia). Acontece como processo, dentro de um tempo real, físico, com dias, meses e anos de incursão por espaços vivenciados. Muitas vezes, a percepção desses símbolos, só acontece quando o observador é instigado a fazê-lo. Nesse caso, o que dificulta a eleição de maneira casuísta, é o hábito. Para quebrá-lo, é necessário uma intervenção para a reflexão, no caso as pausas, dentro do movimento.

Interessante que na maioria das vezes, o indivíduo vive anos e anos em um mesmo local e não reflete sobre seu estar ali. Constrói, vai, circula, propõe, mas não investiga razões, não analisa o envolvimento.

unesp

Essa "*quebra*" só acontece quando o morador acolhido de surpresa por uma intervenção externa que pode ser: pesquisa, demolição por órgãos governamentais de partes do local, remoção de moradores, etc. Aí, acontece o movimento da reflexão e ele verbaliza o seu envolvimento com o lugar.

O depoimento seguinte ilustra essa análise:

> *(...) "ah! eu gosto muito. Não por ser tranqüilo, sei lá! Nunca morei noutro lugar, noutra casa. Nada. Eu gosto muito de morar aqui. Não porque é Pederneiras. Eu gosto daqui. Se tivesse que mudar, escolheria alguma casa aqui perto. Não gostaria de sair daqui, não" (...)* M③

Ao ser investigado sobre as razões que o fixam ao bairro, o sujeito, deixa claro a sua preferência em estar no local por prazer e opção. Ao afirmar que só mudaria se fosse para outra casa, mas na mesma rua, verifica-se a intenção de permanecer, e de continuar. Não encontramos nenhum sinal de insatisfação, experiências negativas ou inadaptabilidade.

Também, indagado sobre as condições satisfatórias em residir no bairro, o mesmo sujeito afirma:

> *(...) "aqui no núcleo não tem nada. Tem o parquinho pras crianças, descendo ali perto da escola. De lazer aqui não tem nada. Quando tem, é um forrozinho ali no centro comunitário, né "(...)*

unesp

Os moradores, citaram o Centro Comunitário como uma Associação de Moradores, construído há 10 anos, com a finalidade de promover eventos, festas para os associados.

De um modo geral, afirmam:

> *(...) "é um lugar onde foi fundado pra Ter piscinas, salão, jogos, mas até agora não saiu, só saiu o salão. A vila toda faz parte. Se você precisa fazer uma festa de aniversário, você vai lá, aluga o salão, paga e o usa. Começou a fazer campo de "bocha" ali, mas pararam. Tá nisso, não foi construído mais nada aí. É assim que funciona. E quando tem algum baile sertanejo é ali que funciona "(...)*

Essa Associação de Moradores possui uma ATA, que segundo o depoimento de M③, está enterrada. Nesta, constaria tudo que seria construído ali. Todos os moradores estavam presentes na Cerimônia de inauguração. O comentário foi o seguinte:

> *(...) "tipo um enterro. Enterraram ela no chão. Colocaram uma tábua em cima, depois cimentaram. E ali ficou guardada a ATA. Não sei se tiraram, se não tiraram "(...)*

E sobre o que pretendiam construir no local, afirma:

> *(...) "duas piscinas, quadra de tênis, quadra de futebol de salão, "bocha". O salão construíram. Mas parou no salão. Não sei porque, mas parou nisso. Aqui no núcleo não tem divertimento nenhum. Não tem onde você levar as crianças, quem tem crianças. Antigamente era muito gostoso ali no pátio da CLARK, quando não era cercado "(...)*

No momento do relato acima, o sujeito aponta para o pátio da multinacional Volvo (que antes era Clark, americana) e comenta sobre o amplo espaço arborizado, muito arborizado, que praticamente é margeado pela avenida principal e que era um lugar eleito como área de lazer.

Com relação a Empresa Clark, os depoimentos dos sujeitos na pesquisa, apontam que o Núcleo Habitacional "Michel Neme" é um produto da Clark Equipamentos S/A, quando da sua inauguração na década de 70. Tal indústria, propiciou além do aparecimento do núcleo a alocação de mão de obra trabalhadora.

Neste sentido, M③ afirma:

> *(...) "é uma firma, onde várias pessoas aqui de Pederneiras trabalham. Mas não era fechado. Não tinha alambrado em volta dela. Então todo mundo do núcleo, fazia piquenique no Domingo. Todo mundo ia lá deitar na grama, brincar, ali era um lugar muito gostoso de domingo, Sábado, mas depois que fecharam, também acabou "(...)*

Isto posto, verifica-se que a eleição do "*lugar*", dentro do bairro suscita para esse morador amplidão, aconchego, descanso, divertimento, tranqüilidade e que justifica para ele o verdadeiro propósito da construção de uma cidade. Os moradores vão elegendo "*cantos*", pontuando onde querem se encontrar, se comunicarem. O que se percebe é a necessidade de trocas, caminhadas, movimento, encontros ...

unesp

Da mesma forma a construção de Associação de Moradores, de praças ou qualquer outro equipamento público teria este objetivo. Na verdade, decorrentes da necessidade de criação de espaços, onde os moradores se encontram para o envolvimento, a vida ativa, o que no cotidiano, chama-se de lazer.

Pela literatura, verificamos que o cotidiano é criado pelos indivíduos. À medida que o tempo transcorre, pela auto-formação, o sujeito desenvolve hábitos, costumes, situações e atitudes, principalmente frente aos acontecimentos. Como afirma Arendt (1993): *Os homens nasceram em um mundo que contém coisas vivas e mortas, transitórias e sempiternas. E o que há de comum entre elas é que aparecem e, portanto, são próprias para serem vistas, ouvidas, tocadas, provadas e cheiradas, para serem percebidas por criaturas sensíveis, dotadas de órgãos sensoriais apropriados.*

Desse modo, é através do corpo que o homem se apresenta ao mundo e nele incursiona. Com a vivência vai apreendendo, percebendo e refletindo. Movimento e pausa, acabam por resultar na construção do seu cotidiano. Os seus sentidos, mostram-lhes as cores, os sons, a extensão e a duração dos fatos. O conhecimento que se tem das coisas desse mundo, faz-se por objetividade e subjetividade: a vida ativa e a vida reflexiva.

O sujeito M③, ao ser indagado sobre os motivos que o mantém no bairro, afirma:

> *(...) "viver aqui neste lugar, significa tudo. Se eu sair daqui... ah! sentiria muita saudade daqui. Não gosto nem de pensar em sair daqui. Me dá tristeza. Acho que aqui é meu canto. Mesmo sem as coisas que faltam aqui. Mesmo assim, vale a pena ficar aqui...*

Minhas filhas nasceram aqui. Se Deus quiser vão ser criadas aqui. É prá envelhecer. Se Deus quiser "(...)

Neste depoimento, evidencia-se de maneira clara, o forte arraigamento da moradora com o lugar de moradia. Mesmo destacando a falta de lazer e recursos, há em sua fala, a certeza de que houve subjetivamente, a eleição do bairro, como referência, vínculo, vontade de ficar. De modo geral, o lugar para M③, está individualmente distinto. Nesta concepção abstrata, fenomenológica, o espaço vivido e percebido do indivíduo, é o que conta, preterindo a historicidade deste, mas enfatizando um outro tipo de "e*ngajamento*": sensível e perceptivo.

Para George apud Machado (1983): *é sempre com relação ao homem, e mais exatamente aos grupos humanos, que se define o meio-ambiente; daí a importância da percepção do meio pelas coletividades humanas que o ocupam e o modelam.*

Desse modo, lugares significativos para alguns indivíduos, podem não sê-los para outros. Como são identificados emocionalmente, sem análise críticas, nem visuais, acabam por entrar em um campo mais poético, artístico, estético e até sob certos aspectos mágicos. É o que Bachelard (1989), chama de "*poética do espaço*".

A literatura atenta para a questão da arte, como indicadora do envolvimento do homem com o meio-ambiente, amplamente difundida entre nós. Ao nos familiarizarmos com as obras de Graciliano Ramos, Euclides da Cunha, João Guimarães Rosa, encontramos a exposição de uma série de situações cotidianas que relacionam "*modus vivendi*" e "*modus operandi*", de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

determinados grupos humanos, em determinados meios ambientes. Em "*Vidas Secas*", de Graciliano Ramos, o personagem Fabiano e sua família migram em busca de trabalho e subsistência, mas o sofrimento que isso representa, está subentendido nas falas de seus personagens. Mesmo porque, migrar, de modo geral, significa ter que decifrar tantos novos símbolos que possam aparecer. É perder referências, identificação, lugares eleitos com o tempo. Enfim, sair do invólucro de aconchego e proteção, mesmo que seja para melhor...

Essa é a expressão de nosso sujeito:

> *(...) "eu gosto de morar aqui, desde que nasci, minha infância foi aqui, casei aqui. Prá mim significa tudo. Não gostaria de mudar daqui. Quando eu me casei, até meu marido queria morar na cidade dele, né, Macatuba. Não fui, fiquei aqui. Moro numa casa no fundo, né. Continuo aqui (...) " M③*

Afeição ao lugar, cria laços tão profundos que a simples ameaça de mudança, amedronta, confunde, desestabiliza. Transitar por lugares conhecidos, saber onde começa e onde acaba, é o que chamamos de realidade. Uma vida sem aventuras? Sem peregrinações? Talvez. Mas o que se verifica neste caso, é, segurança, terra firme. De maneira geral, o exílio físico, corresponde sobretudo ao exílio mental incomensurável. É ficar estrangeiro em si mesmo.

Analisando o depoimento de M④, podemos avaliar seguramente isso, como expressa:

unesp

> *(...) "essa vila, pra mim viver aqui é mil maravilha. Uma das melhor vila que existe pra viver, mais gostosa, só tem gente boa, não tem nada que faz mal pra ninguém não, aqui é a coisa mais gostosa. Inclusive essa vida aqui é muito especulada "(...)*

"*Especulada*", aqui aparece como cara, no sentido de valor monetário que ele elenca como fator positivo para viver no bairro. Ao relatar isso, o fez com tanto orgulho, um sorriso estampado no rosto, demonstrando intensa satisfação em estar ali. Suas palavras evidenciam isso:

> *(...) "eu fui nascido e criado em Pederneiras. Eu tenho 47 anos. Prá mim não tem lugar melhor. Esta vila, foi uma das primeiras que foi feita. É o Núcleo "Michel Neme". É uma vila que todo mundo conhece, como a vila da Clark. É o comentário que fala... porque tem gente que mora na cidade, que gosta de morar na cidade, mas ele vive mais aqui, porque ele gosta da vila. Porque a vila aqui é um ambiente gostoso pra você morar... Você vê, aqui é tudo legal, a gente se sente tão gostoso aqui. Se sentir bem é se sentir livre. Criei meus filhos aqui, já sou vô, tenho 3 netos "(...)*

Esse mesmo sujeito, associa o lugar com liberdade, satisfação, alegria. A identidade dele foi alcançada, a medida que as necessidades e ritmos próprios de sua vida foram aflorando: trabalho, família, amigos. O bairro é um lugar "*preenchido*" e que "*preenche*". Não se verifica na sua fala, carências vislumbradas através do uso dos espaços do bairro. Ao contrário, elege um bar (bar do Durval), como seu ponto de encontro, lazer, entretenimento, felicidade. Seu depoimento, justifica:

unesp

(...) "minha vida é da casa pro boteco, do boteco pra casa. Esse é meu boteco preferido. Tem todos os amigos, tudo gente boa.. é funcionário da usina, da Volvo. A gente se sente bem aqui que é bom... beber não é bom não, faz mal. Mas beber socialmente, brincar de baralho, que nem brinca aqui. Olha só! Só gente boa, não tem atrito, não tem confusão. Não tem nada. Não faz a gente "desleixar" do lugar. O lugar é bom demais... Ambiente gostoso é que nem nós tá assim, com todos os amigos conversando com você (risos), não é gostoso um ambiente assim?" (...)

6.3. Significado de afetividade com o lugar percebido pelos moradores.

Procuramos também verificar o significado de afetividade para os moradores, com relação ao bairro.

Conforme os depoimentos descritos:

(...) "de certa forma é o amor. O amor é a força do que vai reger tudo isso aí. Embora as coisas tenham ficado meio dificil. Mas existe um sentimento que me prende, uma saudade, é o amor que me prende"(...) M1

(...) 'o trabalho do meu marido é aqui perto. Deu certo de comprar a casa aqui. Eu gostei daqui. Se eu sair daqui, acho que fico meio perdida. Representa minha vida, tudo que tenho consegui aqui" (...) M2

(...) " não sei responder o que significa pra mim viver aqui. Acho que é meu lugar. Lugar é onde você se sente bem, se sente a vontade,

unesp

gosta de estar ali . ai, não sei... Significa tudo. Se eu sair daqui, ah! sentiria muita saudade daqui, não gosto nem de pensar em sair daqui"(...) M3

(...) "pra mim tudo. Tudo que imaginar de bom é aqui. Tudo que eu gosto. É tá perto do meu neto, perto dos meus filhos, dos amigos, é gostoso. Tudo isso é amor. Amor na vida, eu gosto demais. Tenho casa em outro lugar não quero, fico aqui, aqui é o poço? A minha filha fala: pai, daqui não saio mais nunca na minha vida. A gente adora, gostaria de ficar aqui pro resto da minha vida. Tenho tanto pra falar. Dava pra fazer uma novela, mais grande que aquela dos irmãos coragem. É tão bom que você não tem como falar. Começou do nada, foi uma das primeiras vilas que começou. Não tinha a vila, foi feita por intermédio da firma que veio aqui. Ficou "especulada que nem falei pra você. O custo de vida aqui é caro, aluguel"(...) M4

Podemos verificar que são laços fortes de afetividade o que os mantém integrados ao lugar. O amor incrementa as relações que eles mantém com seus pares na construção de seus cotidianos e, desse modo, vão exteriorizando através de um mosaico de ações, suas atitudes frente ao meio-ambiente ao qual estão expostos.

Como afirma Heller (1979), *sentir é estar implicado. É avaliar o significado dos objetos e das pessoas, aproximando-se ou afastando-se dos mesmos. Portanto, os sentimentos são orientadores da vida cotidiana, eles guiam os contatos humanos, ao mesmo tempo em que são orientados por estes.*

Esse estar implicado, corresponde a um envolvimento de corpo e alma, tipo de engajamento que provoca emoções, que dá cor e som aos objetos e que impõe ritmo e vida. Sentir na

totalidade ou até parcialmente, corresponde a "*entrar*" no objeto e transcender a sua forma, criando intersubjetividade, "*bisbilhotando*", escarafunchando seu interior, para que ele possa ser descaricaturado e se mostre como um todo. *"Mostre-se a mim"*. *"Decifra-me ou devoro-te"*. É isso. A cidade, o bairro, a rua a praça assemelham-se a uma Esfinge, à espera de que alguém a decifre. Daí a idéia do espaço mítico. Num olhar sobre a superfície da terra, impregnado de subjetividade.

Sendo assim, decorre a idéia de que qualquer bairro é, a princípio, para o novo morador uma confusão de imagens, cores e sons. É através do uso que esses vão sendo decifrados. O uso, por sua vez, cria hábitos e esses vão estabelecendo uma unicidade onde tudo parece muito igual, como um velho par de chinelos. Daí, a quebra seria possível, com intervenções externas que dinamizassem esse uso e mostrasse a fragmentação, a idéia, a forma. A percepção do conjunto, bem como das particularidades, vai acontecendo na medida em que mecanismos de intervenção são desenvolvidos.

Para Ferrara (1988):

> *... entre percepto e percepção abre-se um intervalo preenchido pelo usuário do espaço ambiental. Esta ação é a condição indispensável para que ele, o espaço, encontre a voz de sua fala e passe a informar. É o modo como o usuário se apropria do espaço ambiental identificando-o e se identificando com ele; é o uso que dinamiza o espaço e o interpreta como um modo de ser de uma cidade ou de um modo de habitar, de viver.*

Sawaia et Lane (1995) tratam o afeto como todo um amplo espectro de sentimentos associados às histórias das relações. O grau de afetividade e seu signo, positivo ou negativo, são constantemente reforçados ou debilitados pelas vicissitudes da convivência. Delimitar lugares de confiança e, portanto, de menor confiança ou desconfiança, reterritorializa um grupo. Demarca novas fronteiras, distribui novos espaços, lugares de privilégio, centros e periferias.

O que se verifica é que independente da análise ser específica ou não, é que, gente sente, sofre, tem emoções porque tem sentimentos e essa é a diferença básica ao tratarmos de questões que envolvam o ser humano.

Através dos depoimentos, foi possível extrair um conjunto de assertivas, que mostram objetivamente a conjugação de indivíduo-identidade-lugar. Essa conjugação se processa num tempo (mental e físico), dentro de um espaço definido, na intrínseca relação entre lugares e pessoas. Esta acontece, na medida que as reflexões sobre o espaço habitado vão sendo construídas. Se os estímulos que o indivíduo recebe durante sua vida são imensos, as diferentes maneiras, como cada um reage às exposições, também se diferenciam e determina como cada um interpreta e percebe lugares e pessoas. Os lugares repelem ou atraem, vai depender do observador que é o usuário desses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca de explicações de como o indivíduo relaciona-se com o meio-ambiente no qual está inserido, bem como desenvolve atitudes, valores, emoções e atribui significados às coisas que o cercam, foi o ponto de partida dessa pesquisa. Resultaram deste trabalho as razões que fazem com que os moradores do Núcleo Habitacional gostem ou não de suas áreas de residências, bem como a apreensão do significado de percepção, que os moradores têm do seu lugar e a identificação de valores e atitudes que esses desenvolvem frente ao meio-ambiente ao qual estão expostos.

A utilização da pesquisa qualitativa com enfoque no ato da descrição, foi utilizada para o desenvolvimento do trabalho. Os dados colhidos junto aos moradores, através de seus depoimentos, remetem- nos a considerações pontuais, subsidiadas pelo referencial teórico que alicerçou a pesquisa.

Podemos destacar que os indivíduos são "*criadores de lugares*". Posto assim, o que determina a transformação da localidade (cidade, rua, casa) em "*lugar*", é a ligação afetiva que o usuário (o indivíduo), estabelece, durante seu percurso físico e mental por esses espaços.

O "*lugar*" é uma categoria, impregnada de subjetividade. Só o indivíduo (morador), determina para si e verbaliza para outros, o que o mantém em determinados lugares.

Os laços afetivos, que unem moradores a lugares, apontam para uma "*leitura*" do espaço mais subjetiva. Uma interpretação psicologizante, filosófica de ambientes diversos.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A percepção que os moradores de um Núcleo Habitacional (habitações populares) têm do seu local de moradia, pode sugerir propostas de trabalhos de natureza investigativa. com a intenção de poderem contribuir nas discussões junto a Planejadores Urbanos, Geógrafos, Urbanistas, Psicólogos Sociais etc.

A análise dos dados apontou também para a multiplicidade de fatores que atuam na relação indivíduo-meio-ambiente. Há, de maneira clara, a interdisciplinaridade atuando dentro do espaço habitado, ou seja, pode-se fazer interpretações à luz da Psicologia Social, da Psicologia Ambiental, da Geografia, História, Antropologia, Arquitetura e etc.

Um Núcleo Habitacional, com 680 (seiscentos e oitenta) casas, devido a sua complexidade requer, como sugestão, futuras pesquisas, que se utilizando das descrições colhidas junto aos moradores, no sentido de buscar alternativas de melhoria da qualidade de vida desses ambientes, levem em consideração as necessidades dos usuários desses espaços, que são os moradores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, S.S. ***Vila Dutra nos caminhos de Bauru:*** Contextualização de uma Identidade. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - UNESP - Bauru, 1995.

ALMEIDA, A.M.F.P.M. ***Um estudo sobre a avaliação da aprendizagem em um curso superior de Ciências Agronômicas***. Campinas,1992. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

ARENDT, H. **A *vida do Espírito***: o pensar, o querer, o julgar. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1993.

BACHELARD, Gaston. A poética do Espaço. In: Espaço & Debates. Imagens e representação da Cidade. Revista de Estudos Regionais e Urbanos. Ano IX, nº 27, p. 100-101. São Paulo, 1989.

BERGER, Peter. ***Perspectivas Sociológicas.*** Uma visão Humanística. Petrópolis, Vozes, 1976.

BERNÁLDEZ, F.G. ***Aplicação de percepção popular da natureza através de um planejamento Urbano:*** A experiência Espanhola MAB. Departamento de Ecologia C - XV, Universidade Autônoma, Madrid, Espanha, 1974.

BONNES, et al. ***The city as a multiplace sistem:*** na analysis of people - urban environmente transactions. In: Journal of Environmental Psychology, v. 10, p. 37-65, 1990.

BRESCIANI, Stella. ***Imagens da cidade.*** Marco Zero, ANPUH/FAPESP, São Paulo, 1993.

CABRITA, A. M.R. ***O meio e a qualidade do habitat residencial.*** In: Revista da Associação Portuguesa de Psicologia, v. VI, nº 3, 1988. P. 283-305.

CARGNIN, et al. ***Manual didático sobre a evolução do pensamento Geográfico.*** Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Ciências Naturais e Exatas. Laboratório de Estudos e Pesquisas Regionais LPER, 1990.

CERTEAU, Michel de. ***A invenção do cotidiano***. Petrópolis, Vozes, 1994.

CORRÊA, R.L. ***O espaço urbano.*** São Paulo, Ática, 1989.

DADIDOVICH, R. et al. ***Perspectivas Geográficas do Meio-ambiente Urbano.*** Recursos Naturais, Meio Ambiente e Poluição. Contribuição de um ciclo de Debates. v. 2, Meio Ambiente e Poluição, IBGE, RJ, 1977

DOLLFUS, Olivier. ***O espaço geográfico.*** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil S/A, 1991.

FERRARA, L.D. ***Estratégia dos Signos.*** São Paulo, Perspectiva, 1981.

_____. ***Olhar Periférico.*** São Paulo, Nobel. 1988.

FERRARA, L.D. ***Ver a Cidade***. São Paulo, Nobel, 1988.

FILHO & BESSA, Vocação e Nacionalismo: as visões do urbano no pensamento do Estado Brasileiro (1930-1961). Espaços e debates: Cidade e História. Revista de Estudos Regionais e Urbanos, ano XI, nº 34, p.105. FAPESP/FINEP, 1991.

GUPTA, S.S. Percepção da população suburbana de Ahmedabad. Revista de Geografia. São Paulo, v. 12, p. 117-27, 1993.

HILMANN, James. ***Cidade & Alma***. São Paulo, Studio Nobel, 1993.

HOEFLE, S.W. ***O sertanejo e os bichos*** - Cognição Ambiental na zona semi-árida nordestina. In: Revista de Antropologia. v. 33, p. 47-73, 1990.

LANE et SAWAIA. ***Novas veredas da Psicologia Social.*** São Paulo, Brasiliense, 1995.

MACHADO, L.M.C.P. Reflexões sobre a abordagem perceptiva no estudo da paisagem. Revista de Geografia. Rio Claro, São Paulo. v. 11 (21), p. 143-47, 1986.

MARTINS et BICUDO. ***A pesquisa qualitativa em Psicologia:*** fundamentos e recursos básicos. São Paulo, Ed. Moraes Ltda., 1989.

MELO, Mário Lacerda de. ***O meio-ambiente em áreas metropolitanas***. O caso do Recife. Recursos Naturais, Meio-ambiente e Poluição. Contribuição de um ciclo de Debates. v. 2, Meio-ambiente e Poluição, IBGE, RJ, 1977.

OLIVEIRA, L. Contribuição dos Estudos Cognitivos à Percepção Geográfica. Revista de Geografia. Rio Claro, São Paulo, v. 2 (3), p. 51-61, abril, 1977.

PALEN, J.J. ***O mundo urbano.*** Rio de Janeiro, Forense - Universitária, 1975.

PENTEADO, F.N. ***Pederneiras, sua história, sua gente.*** Gráfica da Cidade, 1988.

RODRIGUES, A.M. ***Moradia nas cidades brasileiras.*** Coleção Repensando a Geografia. São Paulo, Contexto, 1991.

SANTOS, Milton. ***O espaço do cidadão.*** São Paulo, Nobel, 1987

_____. ***A Urbanização Brasileira.*** São Paulo, HUCITEC, 1993.

_____. ***Metamorfoses do Espaço Habitado.*** São Paulo, HUCITEC, 1994.

SEVCENKO, Nicolau. ***Fragmentação, simultaneidade, sincronização***: o tempo, o espaço e a Megalópole Moderna. Espaços & Debates. Cidade e História. Revista de Estudos Regionais e Urbanos. Ano XI, 1991. Nº 34, FAPESP. FINEP, p.18.

SIME, D.J. ***Creating places or Desingning spaces?*** In: Journal of Environmental Psychology, v. 6, p. 49-63, 1986.

SPOSITO, M.E.B. ***Capitalismo e Urbanização.*** Coleção Repensando a Geografia. São Paulo, Contexto, 1989.



TORNICIELO, S.M.T. ***Gestão Urbana e qualidade de vida.*** In: Análise Ambiental, Estratégias e Ações UNESP, Rio Claro, 1995.

TRIVIÑOS, A .N.S. ***Introdução à pesquisa em Ciências Sociais***. A pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo, Atlas, 1987.

TUAN, Yi Fu. ***Topofilia:*** um estudo da percepção, atitudes e valores do Meio-ambiente. São Paulo, Difel, 1980.

_____. ***Espaço e Lugar***: a perspectiva da Experiência. São Paulo, Difel, 1983.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AMERIGO, M. (1989). Estudio da fiabilidad de un cuestionario de satisfacción residencial aplicado a sujetos de bajo estatus. *II Jornadas de Psicologia Ambiental. Palma de Mallorca, 1989.*

CAMPBELL, B. ***Ecologia Humana***. Coleção Universo da Ciência, Lisboa, Editora Edições 70 Ltda.

CANTER, D. & REES, K. (1982). A multivariate model of housing satisfaction. *International Review of Aplied Psychology,* **31,** 185-208.

CARLOS, A. F.A. ***O lugar no/do mundo.*** São Paulo, HUCITEC, 1996.

CUTTER, S. (1982). Residential satisfaction and the suburban homeowner. *Urban Geography, **3**, 315-327.*

DATTWYLER, R.H. et EDELSBERG, H.Z. Consideraciones preliminares para un Proyecto de renovación urbana en un sector específico del área central de la ciudad de Santiago, Chile. Revista de Geografia. São Paulo, Universidade Estadual Paulista, v. 11, p. 31-45, 1992.

DOWNS, R.M. (1967) "Approaches to and problems in, the Mea suremente of Geografic Space Perceptio", *Seminar Paper Series* A. nº 9. Bristol University, Geografic Departament.

_____. (1968) "The robe of perception in modern Geografic" *Seminar Paper Series A.* nº 11. Bristol University, Geografic Departament.

ERCOLANI et al. Environment and Behavior, v. 23, nº 5, set, 1991, Sage, Publication, INC, p. 531-552.

FRIED, M & GLEICHER, Pergunta (1961). Some sourses of residential satisfaction in na urban slum. *Journal of American Institute of Planners, **27**, 305-315.*

GALSTER, G.C. & HESSER, G.W. (1981) Residential satisfaction. Compositional and contextual correlates. *Environment and Behavior, **13**, 775-758.*

HAGUETTE, T.M.F. ***Metodologias Qualitativas na Sociologia.*** Petrópolis, Vozes, 1995.

HANEY, W.G. & KNOWLES, E.S. (1978). Perception of neighborhoods by city and suburban resident. *Human Ecology, **6**, 201-214.*

LAWRENCE, R.J. ***O espaço doméstico:*** tipologia da vivência. Cahiers Internationaux de Sociologic, v. LXXII, 1988.

LÜDKE, M. et ANDRÉ, M.E.D.A. ***Pesquisa em Educação:*** Abordagens Qualitativas, São Paulo . Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MARANS, R.W. & RODGERS, S.W. (1975). Toward an understanding of community satisfaction. In A. Hawley & V. Rock, Eds. *Metropolitan America in Contemporay Perspective.* New York: Halstead Press.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

MARTINS et BICUDO. ***Estudo sobre Existencialismo, Fenomenologia e Educação.*** São Paulo, Editora Moraes, 1983.

MARTINS, Joel. ***Um enfoque Fenomenológico do currículo:*** Edicação, como poiesis. São Paulo, Cortez, 1992.

NEWMAN, S.J. & DUNCAN, G.J. (1979). Residential problems, dissatisfaction and mobility. *Journal of the American Planning Association,* ***45****, 154-166.*

SPEARE, A . (1974). SPEARE, A . (1974). Residential satisfaction as a intervening variable in residential mobility. *Demography,* **11**, 173-188.

THIOLLENT, Michel. ***Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete operária.*** São Paulo, Editora Polis, 1987

WEIDERMANN, S., ANDERSON, J.R (1985). A conceptual framewor for residential satisfaction. In I. Altman & C.H. Werner, Eds. *Home environments.* New York. Plenum Press.

WEIDERMANN, S., ANDERSON, J.R., BUTTERFIELD, D.J. & O'DONELL, P.M. 1982). 'DONELL, P.M. (1982). Residents perception of satisfactio and safety. Basis for change in multifamily housing. *Environment and Behavior,* **14**, 95-724.

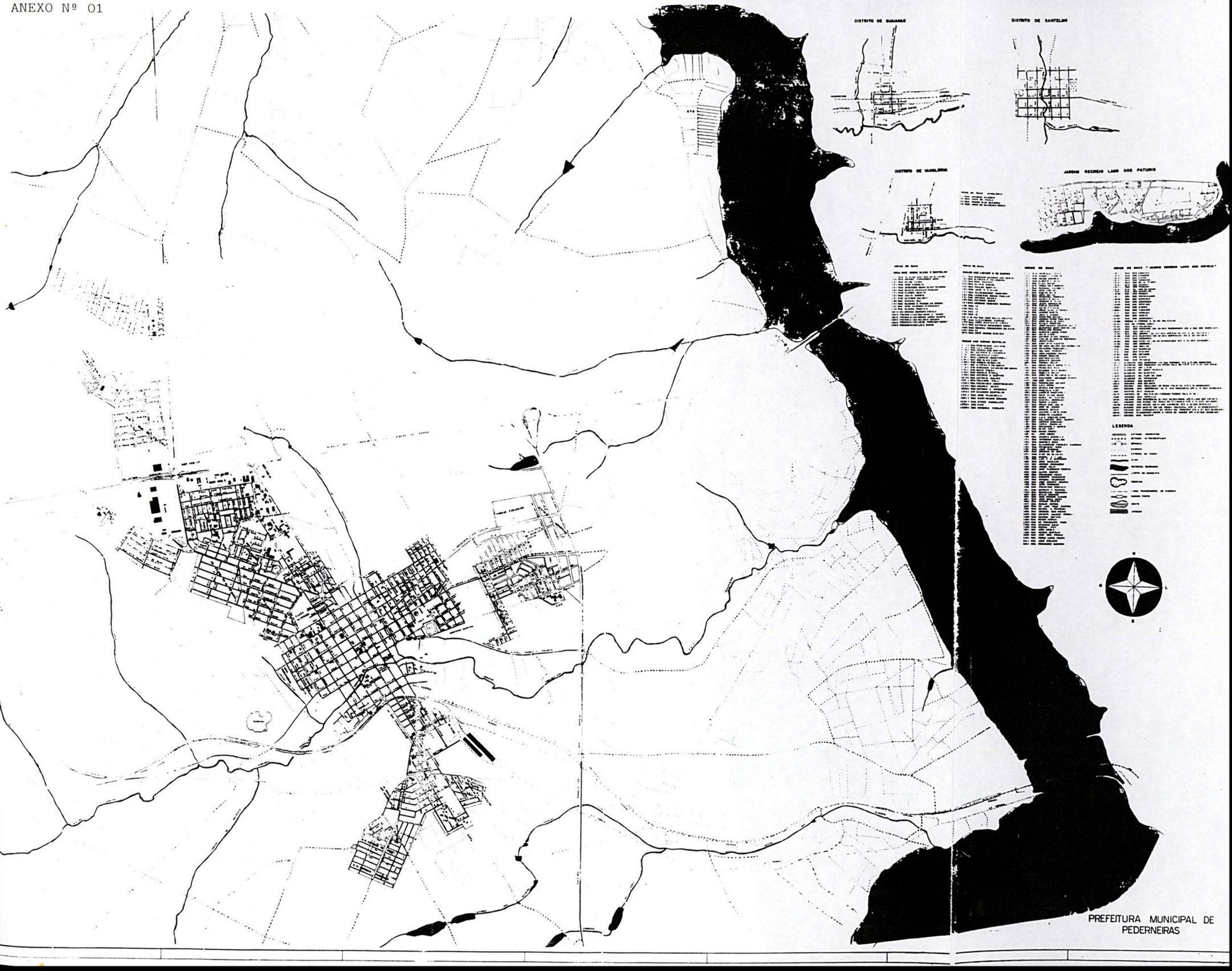
WHITE, R. (1967) The Measuremente of Spatial Perception" *Seminar Paper Series A.* nº 8. Bristol University, Geografic Departament.

YANCEY, W.L. (1972). Architecture, interactin and social control: The case of a large-scale housing project. In J.F. Wohlwill & D. Carson, Eds., *Environment and the Social Sciences: Perspectives and Applications.* Washington D.C.: American Psychological Association.

ANEXOS

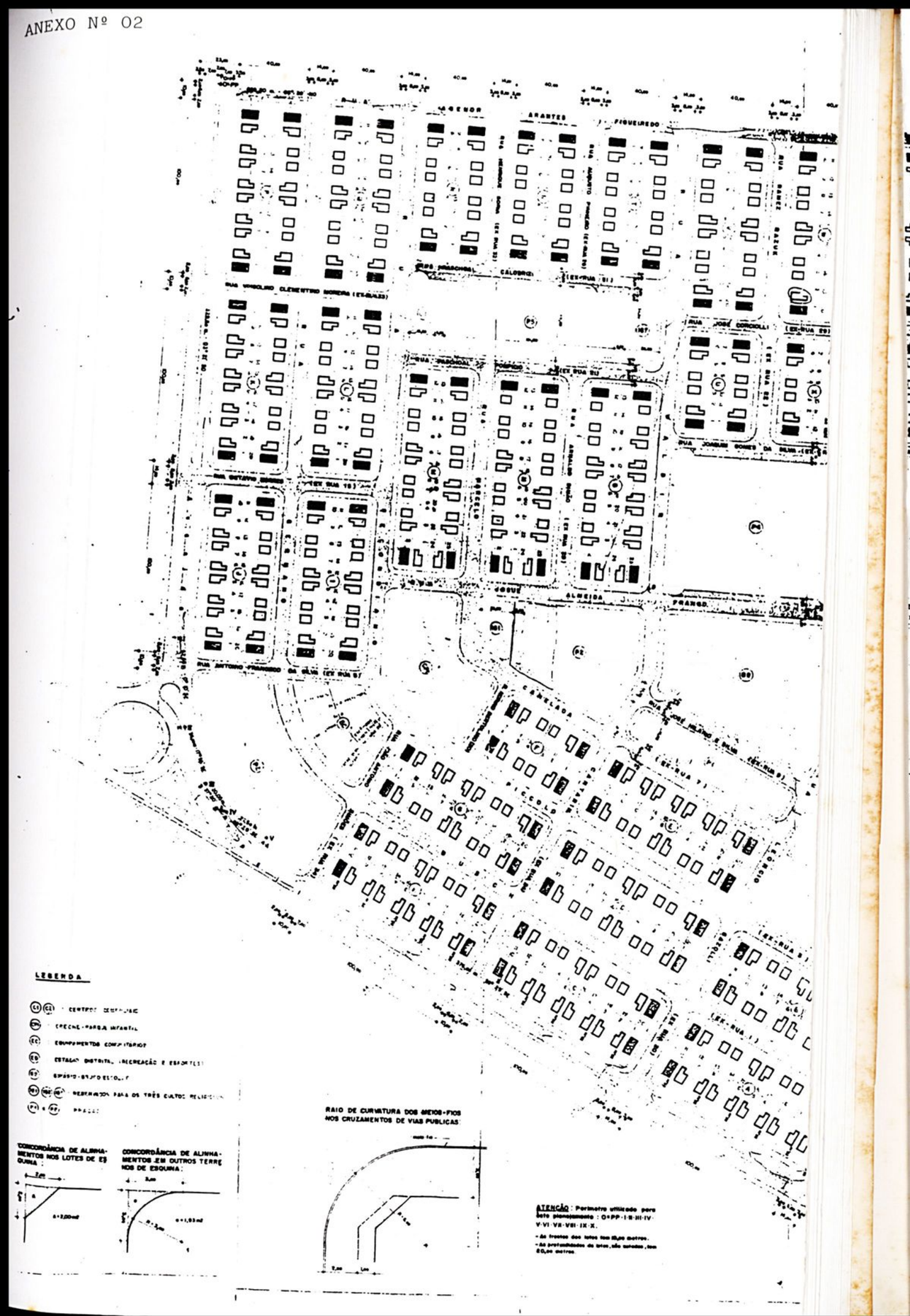
ANEXOS

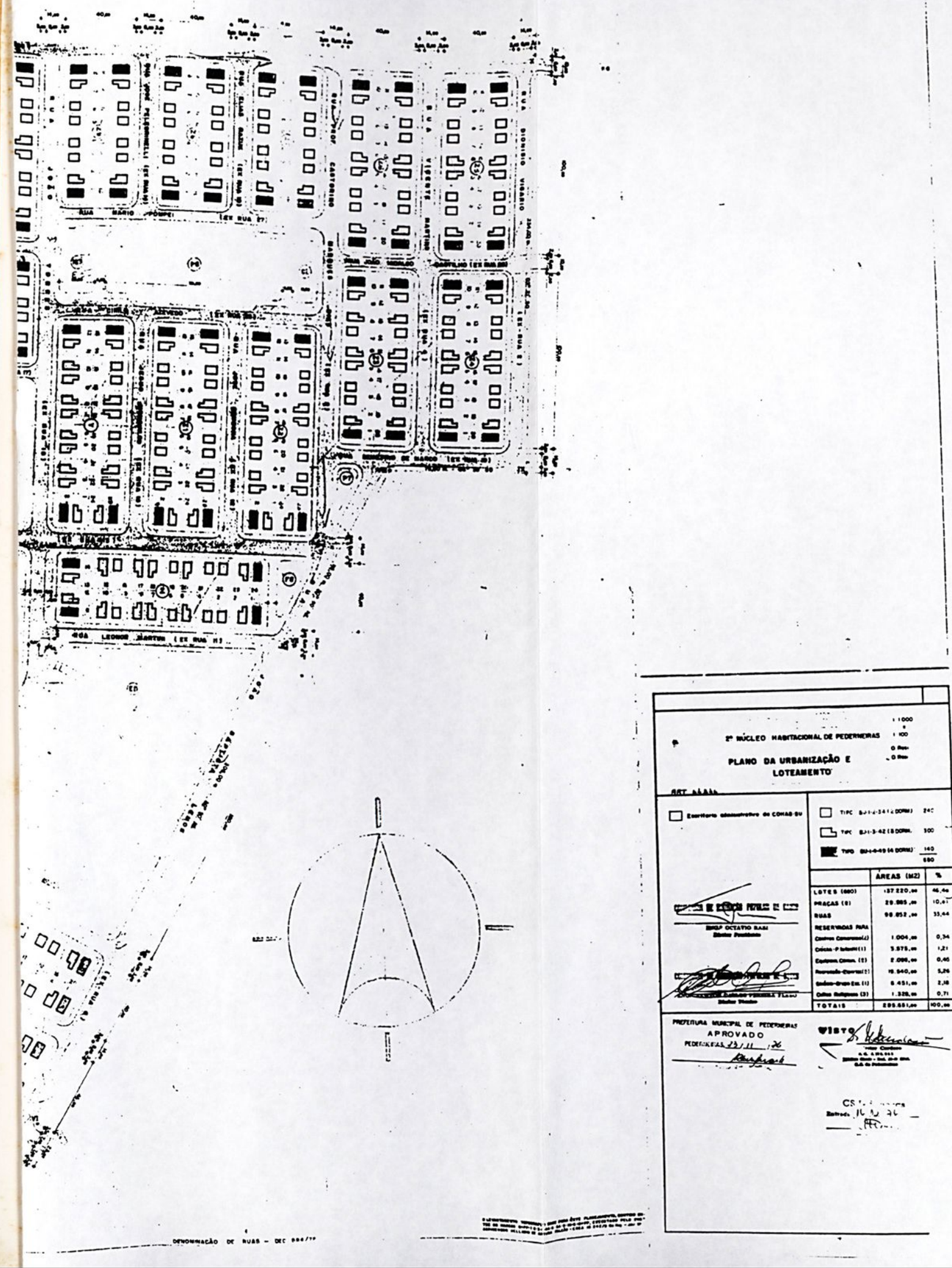
ANEXO Nº 01



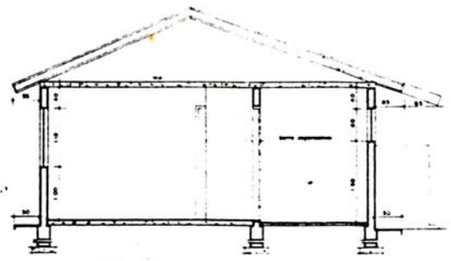
PREFEITURA MUNICIPAL DE PEDERNEIRAS

ANEXO Nº 02

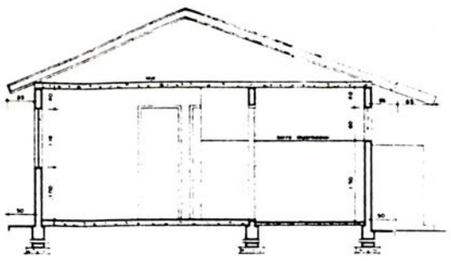

LEGENDA
RAIO DE CURVATURA DOS MEIOS-FIOS NOS CRUZAMENTOS DE VIAS PUBLICAS
ATENÇÃO : Perimetro utilizado para este planejamento : G+PP-I-II-III-IV-V-VI-VII-VIII-IX-X.
- As frentes dos lotes tem 10,00 metros.
- As profundidades de uns, são variadas, tem 50,00 metros.


2º NÚCLEO HABITACIONAL DE PEDERNEIRAS
PLANO DA URBANIZAÇÃO E LOTEAMENTO
ÁREAS (M2)
LOTES (680)
PRAÇAS (8)
RUAS
RESERVADAS PARA
TOTAIS
PREFEITURA MUNICIPAL DE PEDERNEIRAS
APROVADO
VISTO

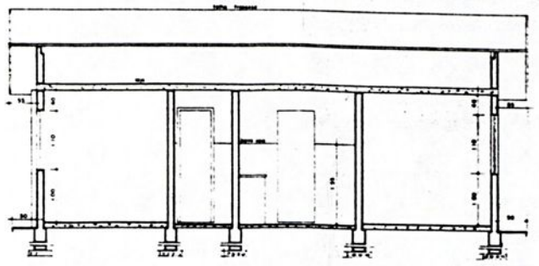
ANEXO Nº 03



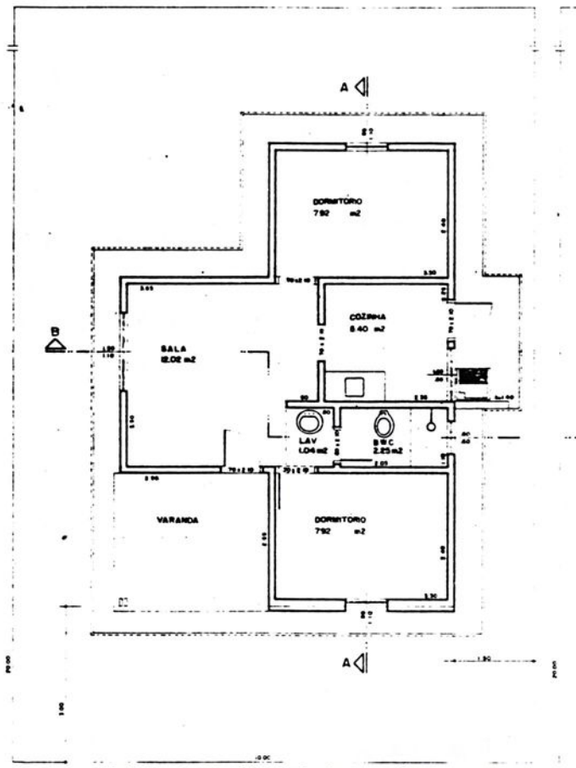
CORTE B - B



CORTE B - B

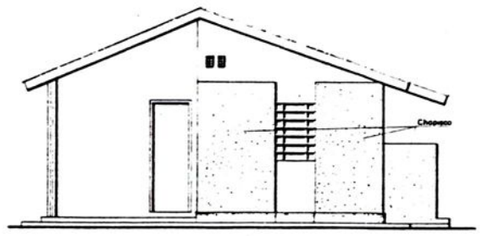


CORTE A - A

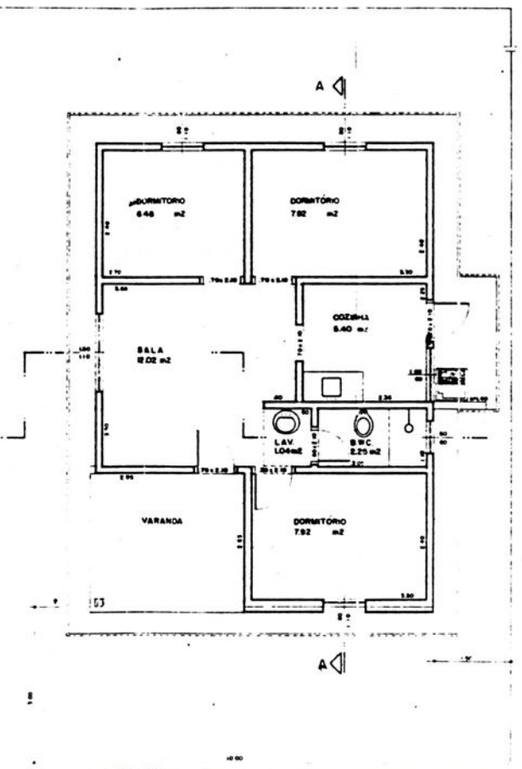


PLANTA BAIXA - Tipo BU-2-1-2-42 - área const = 42,40m2

ESCALA 1:50

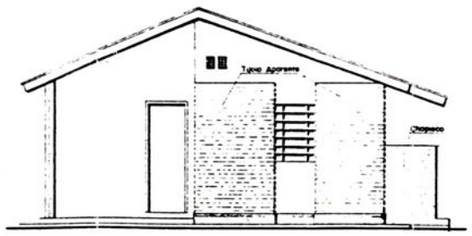


FACHADA

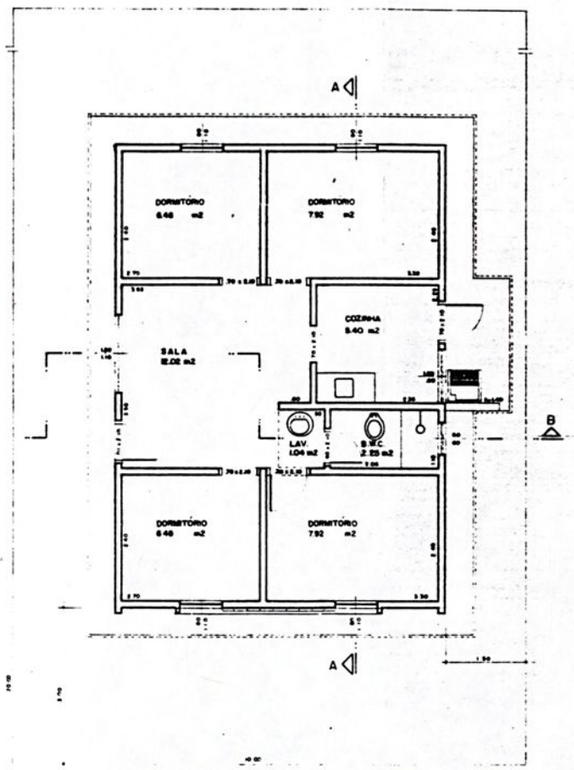


PLANTA BAIXA - Tipo BU-2-1-3-50 - área const = 49,61 m2

ESCALA 1:50

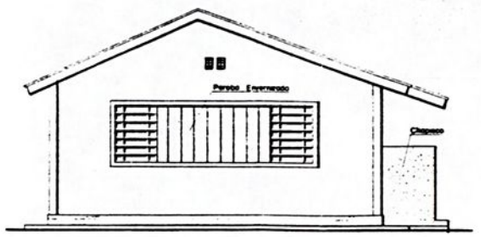


FACHADA



PLANTA BAIXA - Tipo BU-2-1-4-57 - área const. = 56,82 m2

ESCALA 1:50



FACHADA



PLANO GERAL Plantas, Cortes, Fachadas, Coberturas

PROJETO PARA CONSTRUÇÃO DE NÚCLEO RESIDENCIAL

Local: PEDERNEIRAS - S.P. -

Proprietario: Cia. de Habitação Popular de Bauru

ART Nº 29442

Situação

ver planta de loteamento anexo

CASAS		AREAS M2		
QTDES	TIPOS	P/R UNIDADE		Totais Parciais
		U.H.	A Const.	A Construir
178	BU-2-1-2-42	36,55	42,40	7547,20
190	BU-2-1-3-50	43,05	49,61	9425,90
96	BU-2-1-4-57	49,51	56,82	5454,72
464 casas				22.427,82

Resp. pelo Projeto
ENGº NEWTON CARLOS PEREIRA FERRO
Diretor Técnico

Resp. pela Construção
C. A. L.
CONSTRUTORA ARACATUBA LTDA.

Proprietário
COMPANHIA DE HABITAÇÃO POPULAR DE BAURU
ENGº OCTAVIO RASI
Diretor Presidente

PREFEITURA MUNICIPAL DE PEDERNEIRAS
APROVADO
PEDERNEIRAS, 23/11/76

ANEXO Nº 04

Companhia de Habitação Popular de Bauru
RUA 7 DE SETEMBRO N.º 11-60 - FONE, 2-5920 - B A U R U - S.P.

Parecer nº 581
19/11/76

N.ºOf.COE.759/76

Exmo. Sr.
MICHEL NEME
DD. Prefeito Municipal de
PEDERNEIRAS (SP)

A COMPANHIA DE HABITAÇÃO POPULAR DE BAURU, COHAB-BU, pelo seu Diretor Técnico, infra-assinado, vem respeitosamente, requerer a V. Exa. se digne aprovar as plantas e memoriais anexos, relativos a construção de 680 casas do 2º Núcleo Habitacional desta Companhia.

Nestes Termos,
P. Deferimento

Bauru, 28 de outubro de 1976

COMPANHIA DE HABITAÇÃO POPULAR DE BAURU
ENG.º NEWTON CARLOS PEREIRA FERRO
Diretor Técnico

cohab BAURU

Companhia de Habitação Popular de Bauru
RUA 7 DE SETEMBRO N.º 11-60 - FONE. 2-5920 - B A U R U - S.P.

N.º Of.COE.757/76

Exmo. Sr.
MICHEL NEME
DD. Prefeito Municipal de
PEDERNEIRAS (SP)

A COMPANHIA DE HABITAÇÃO POPU - LAR DE BAURU - COHAB-BU, pelo seu Diretor Técnico, infra-assinado, vem respeitosamente, requerer a V. Exa. se digne aprovar as plantas e memoriais anexos, relativos ao loteamento do 2º ' Núcleo Habitacional desta Companhia.

Nestes Termos,
P. Deferimento

Bauru, 28 de outubro de 1976.

COMPANHIA DE HABITAÇÃO POPULAR DE BAURU
NEWTON CARLOS PEREIRA FERRO
Diretor Técnico

Companhia de Habitação Popular de Bauru
RUA 7 DE SETEMBRO Nº 11-60 - FONE, 2-5920 - B A U R U - S.P.

[illegible]

OBRA:- 2º Núcleo [illegible] com um total de 600 casas; sendo 176 do tipo HU-2-I-2-42, de 2 dormitórios com 42,40 m² de área construida cada uma; 130 do tipo HU-2-I-3-50, de 3 dormitórios com 49,61 m² de área construida cada uma; 96 do tipo HU-2-I-4-57, de 4 dormitórios com 56,82 m² de área construida cada uma; 62 do tipo HU-I-2-34, de 2 dormitórios com 33,75 m² de área construida cada uma; 110 do tipo HU-I-3-42, de 3 dormitórios com 41,85 m² de área construida cada uma e 44 do tipo HU-I-4-49, de 4 dormitórios com 48,50 m² de área construida cada uma e um escritório para a administração da COHAB-BU com 36,42 m² de área construida; de acordo com planta de urbanização e localização das casas em anexo.

LOCAL:- Zona Urbana de Pederneiras, confrontando com a Av. Brasil, Rua Agenor Santos Figueiredo, Rua Dionisio Vigário, Rua Demétrio de Marco e Rua João Baptista Lemos.

PROPRIETÁRIA:- Companhia de Habitação Popular de Bauru - COHAB-BU.

USO:- Residencial.

NATUREZA DA OBRA:- Alvenaria de tijolos sobre base de concreto simples.

CÓPIA

[illegible]3- 3,00 m de alinhamento da rua.

[illegible]4- Alvenaria de tijolos sobre capeamento de concreto simples.

[illegible]5- 2,50 m.

[illegible]6- serão todos chanfrados, alisados a colher.

[illegible]7- Nas casas do tipo [illegible]-2-1-4-42, [illegible]-4-3-70 e [illegible]-2-1-4-57 será de tacos pré-moldados de barro cerâmico e nas do tipo [illegible]-1-2-34, [illegible]-1-3-42 e [illegible]-1-4-49 será executado com tábuas de pinho ou peroba macio-rôsea, tipo [illegible].

[illegible]8- As casas serão cobertas com telhas de barro de primeira qualidade, tipo [illegible].

[illegible]9- Todas as 3 salas serão de forro "A" e "B".
As portas e respectivos batentes serão de madeira.

[illegible]10- As paredes da cozinha, banheiro e tanque, serão impermeabilizadas com barra a óleo, até a altura de 1,50 m acima dos respectivos pisos.

[illegible]11- Batentes, portas, vitrôs e portões ga-

CÓPIA

ção pintados a óleo em três demãos. As paredes de chapisco grosso, receberão pintura com tinta látex em três demãos. As demais paredes de pintura não especificadas, serão pintadas com caiação em três demãos.

SISTEMA DE ÁGUA:- será ligada a rede de abastecimento municipal.

ESGOTO SANITÁRIO:- será ligada a rede de servidão municipal.

OBSERVAÇÕES:- CÓPIA

COMPANHIA DE HABITAÇÃO POPULAR DE BAURU
ENG.º OCTAVIO RASI
Diretor Presidente

RESPONSÁVEL TÉCNICO:-

I- Pelo Projeto:-

COMPANHIA DE HABITAÇÃO POPULAR DE BAURU
ENG. NEWTON CARLOS PEREIRA FERRO
Diretor Técnico

II- Pela Construção:-

C. A. L.
CONSTRUTORA ARAÇATUBA LTDA.
DIRETOR(S)
CREA 13.2.41 - 60 Rg

PREFEITURA MUNICIPAL DE PEDERNEIRAS
APROVADO
PEDERNEIRAS, 23/11/76

Companhia de Habitação Popular de Bauru
RUA 7 DE SETEMBRO Nº 11-60 - FONE, 2-5920 - B A U R U - S.P.

RECUO:- 3,00 m do alinhamento da rua.

FUNDAÇÃO:- Alvenaria de tijolos sobre sapata corrida de concreto simples.

PÉ DIREITOS:- 2,50 m.

PISOS:- Serão todos cimentados, alisados a colher.

FORRO:- Nas casas do tipo BU-2-I-2-42, BU-2-I-3-50 e BU-2-I-4-57 será de lajes pré-moldadas de barro cerâmico e nas do tipo BU-I-2-34, BU-I-3-42 e BU-I-4-49 será executado com tábuas de pinho ou peróba macho-fêmea, tipo Paraná.

CÓPIA

COBERTURA:- As casas serão cobertas com telhas de barro de primeira qualidade, tipo francesa.

ESQUADRIAS:- Todas as janelas serão de ferro "L" e "T".
As portas e respectivos batentes serão de madeira.

IMPERMEABILIZAÇÃO:- As paredes da cozinha, banheiro e tanque, serão impermeabilizados com barra a óleo, até a altura de 1,55 m acima dos respectivos pisos.

PINTURA:- Batentes, portas, vitrôs e portões se

Companhia de Habitação Popular de Bauru
RUA 7 DE SETEMBRO Nº 11-60 - FONE. 2-5920 - BAURU - S.P.

rão pintados a óleo em três demãos. As paredes de chapisco grosso, receberão pintura com tinta plástica em três demãos. As demais paredes de pintura não especificadas, serão pintadas com caiação em três demãos.

SISTEMA DE ÁGUA:- Será ligada a rede de abastecimento municipal.

ESGOTO SANITÁRIO:- Será ligada a rede de servidão municipal.

COMPANHIA DE HABITAÇÃO POPULAR DE BAURU
ENG.º OCTAVIO RASI
Diretor Presidente

PROPRIETÁRIA:- CÓPIA

RESPONSAVEIS TÉCNICOS:-

I- Pelo Projeto:-

COMPANHIA DE HABITAÇÃO POPULAR DE BAURU
ENG. NEWTON CARLOS PEREIRA FERRO
Diretor Técnico

II- Pela Construção:-

C. A. L.
CONSTRUTORA ARAÇATUBA LTDA.
DIRETOR (ES)
CREA 13.274 - 6ª Rg

PREFEITURA MUNICIPAL DE FEDERNEIRAS
APROVADO
FEDERNEIRAS, 23/11/76

Companhia de Habitação Popular de Bauru
RUA 7 DE SETEMBRO N.º 11-60 - FONE, 2-5920 - BAURU - S.P.

N.º

PREFEITO DA CIDADE DE PEDERNEIRAS:

SR. MICHEL NEME

VICE PREFEITO:

SR. EMIL RAZUK



DS, ETC

...tá me prestando, mereceu de
...iras dêste poema.
...u tenho um velho relógio,
Que é quase da minha idade.
Muitos anos me acompanha,
Desde a minha mocidade.

Seu tic-tic tão firme
Me causa até emoção,
Parece bem o bater
Do meu próprio coração.

Já tive muitos apertos,
Apertos fortes, não nego,
Mas nunca o pús no penhor,
Em qualquer "Casa de Prego".

O meu relógio é tão bom
E regula bem, tão certo,
Que nunca necessitei
De mandá-lo a um consêrto.

Como a minha, êle terá
Uma existência comprida
E espero que marque, o última

Companhia de Habitação Popular de Bauru

Concorrência Pública n.o 33/75

A Companhia de Habitação Popular de Bauru — COHAB — BAURU, torna público que fará realizar, em sua sede, a Rua 7 de Setembro, n.o 11-60, às 10,30 horas do próximo dia 25 de julho de 1975, concorrência pública para a construção de um núcleo habitacional de 680 (seiscentos e oitenta) casas populares, relativas ao Projeto — Pederneiras, II, na cidade de Pederneiras, Estado de São Paulo, de acordo com o projeto aprovado pelo Banco Nacional da Habitação e de acordo com as normas estabelecidas no presente edital, que serão fornecidas as firmas interessadas ao preço de Cr.$ 3.000,00 (três mil cruzeiros), à Rua 7 de Setembro, n.o 11-60, nesta cidade de Bauru, onde serão prestadas as demais informações. A COHAB-BU se reserva ao direito de dividir a obras em setores.

Bauru, 27 de junho de 1975.

DR. ABILIO PINHEIRO CHAGAS
Diretor Presidente

PEDERNEIRAS 2

ANEXO Nº 05

ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO INTERNA DOS FUNCIONÁRIOS DE EQUIPAMENTOS CLARK S.A. DIVISÃO DE EQUIPAMENTOS DE MOVIMENTAÇÃO DE MATERIAIS E DE TERRAPLENAGEM PEDERNEIRAS (SP)
ANO I Nº 03
FEVEREIRO, 1977

MOVI-CLARK



Núcleo de casas, uma realidade



Um sonho transformado em realidade é o que se pode dizer do Núcleo Habitacional construído ao lado de nossa fábrica e, no qual, passam a residir mais de uma centena de famílias de clarkeanos. A inauguração oficial das residências que ladeiam a Clark efetivou-se dia 31 de Janeiro, com a presença do gerente geral, Dr. Jayro Cavalcanti, do prefeito de Pederneiras, Waldomiro Fernandes Mateus, do ex-prefeito Michel Neme, do presidente da Câmara Municipal, João Moscatelli, do presidente da ARENA, Alcides Rossin, da assistente social da Clark, Veranice C. Quartaroli e de Waldecir de Jesus Favinha, ambos representantes da área de Recursos Humanos.

As autoridades municipais presentes se fizeram ouvir em discursos sobre o auspicioso acontecimento, cuja repercussão sobre a vida da cidade é indiscutível, e o gerente geral, Dr. Jayro Cavalcanti, destacou a importância do homem Clark residir próximo à empresa. Disse também que a Prefeitura terá o total apoio da Clark nos trabalhos de atendimento às necessidades do núcleo. A tônica do pronunciamento das autoridades municipais foi a atenção especial que o núcleo merecerá, em termos de melhoramentos públicos, em vista de sua condição "sui generis" de ser "uma cidade com 680 casas" dentro de Pederneiras.

Três vêzes Prefeito, Michel Neme é homenageado

O reconhecimento público a Michel Neme, três vezes prefeito de Pederneiras, transcorreu a 30 de janeiro nos salões do CRC, por iniciativa da legião de amigos e correligionários do veterano administrador e político. Num concorrido almoço, do qual participaram cerca de 200 pessoas, Michel Neme viu compensados todos os seus sacrifícios e dedicação à causa popular e a cidade pôde dizer-lhe "obrigado!"

Quem lá esteve presenciou a tocante homenagem ao homem que envidou esforços para que sua cidade se desenvolvesse tanto quanto possível e tivesse sua economia diversificada. Obter a preferência da Clark para a implantação da nova fábrica, em 1973, constituiu significativo êxito na vida desse administrador, pois com isso conseguiu dotar a cidade de melhores condições de emprego, para a população, diminuir a evasão de habitantes tecnicamente habilitados e injetar novos recursos financeiros à vida da cidade.

Na mesma ocasião em que Michel Neme recebeu o testemunho do apreço de seus concidadãos, também os diretores de Equipamentos Clark, Srs. Jorge C. Delatorre, Jayro Cavalcanti e José Antonio Maranho, mereceram demonstrações de simpatia dos promotores da homenagem ao prefeito, recebendo Troféus de "Honra ao Mérito".

Impossibilitado de comparecer à homenagem, em decorrência de seus compromissos, o presidente de Equipamentos Clark S.A. endereçou correspondência ao prefeito Michel Neme, através de José A. Maranho, confessando-se participante da homenagem e agradecendo "pela amizade, pela consideração e pelas atenções fidalgas de que não só eu, mas minha família e toda família clarkeana, fomos e estamos sempre sendo alvos por parte de Vossa Excelência".

O Sr. Delatorre declara que o prefeito Michel Neme pode, "como raros homens públicos, sentir por todas as formas que cumpriu sua missão, construindo, unindo, semeando a boa semente, dignificando, dando exemplos, marcando, indelével, a sua passagem pelo município do qual, hoje, tenho a honra de ser cidadão".

Assinala o presidente da Clark que "a conduta, as lutas, a perseverança, o amor e as obras" de Michel Neme constituem para Pederneiras e sua gente "exemplo magnífico e prova excelente, maior e definitiva de que ainda se pode crer e confiar no Homem"



Michel Neme, agora ex-Prefeito pela terceira vez, ao lado do Presidente da Clark, Jorge Delatorre.

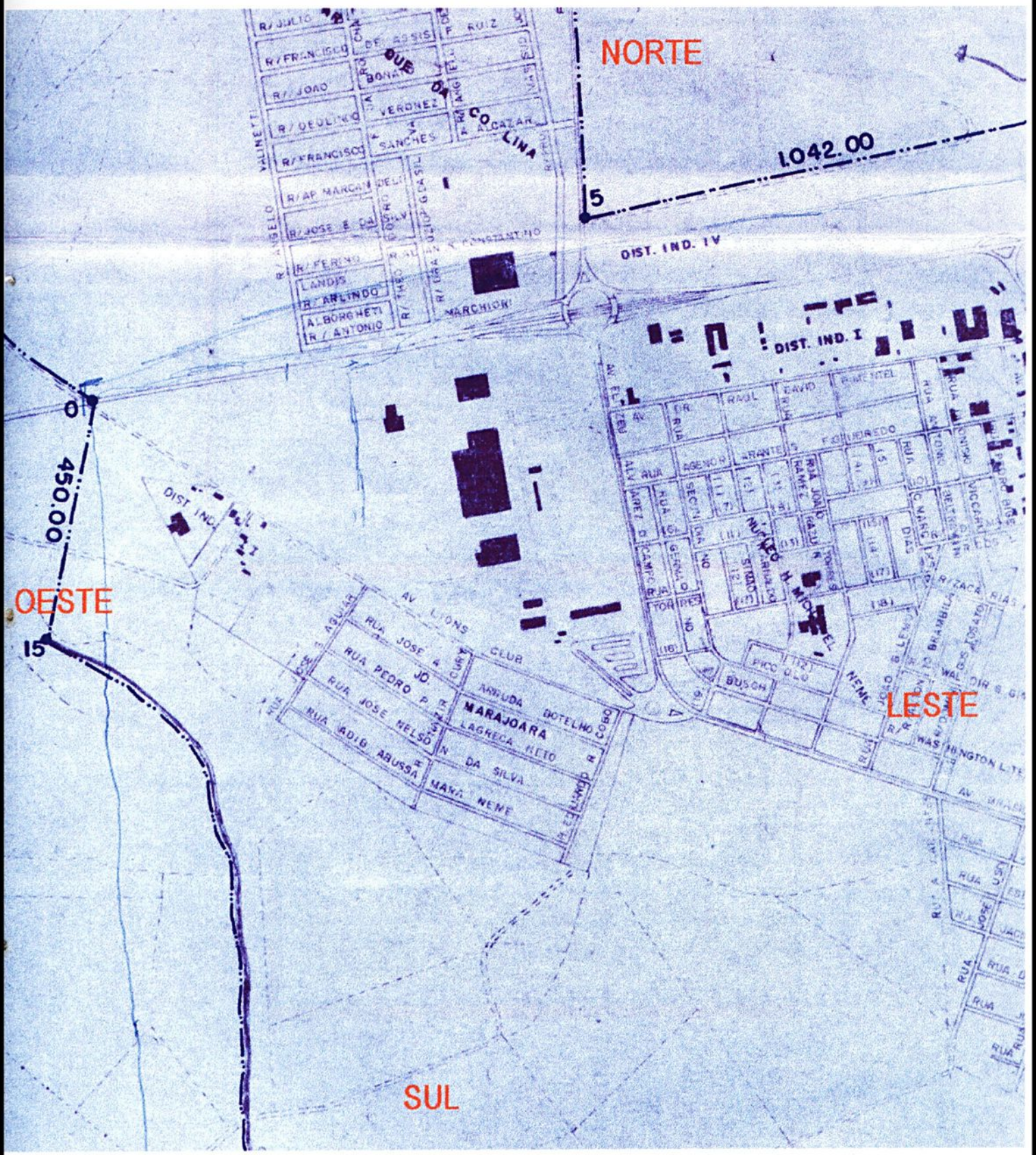
unesp

ANEXO Nº 06

NÚCLEO MICHEL NEME-NW

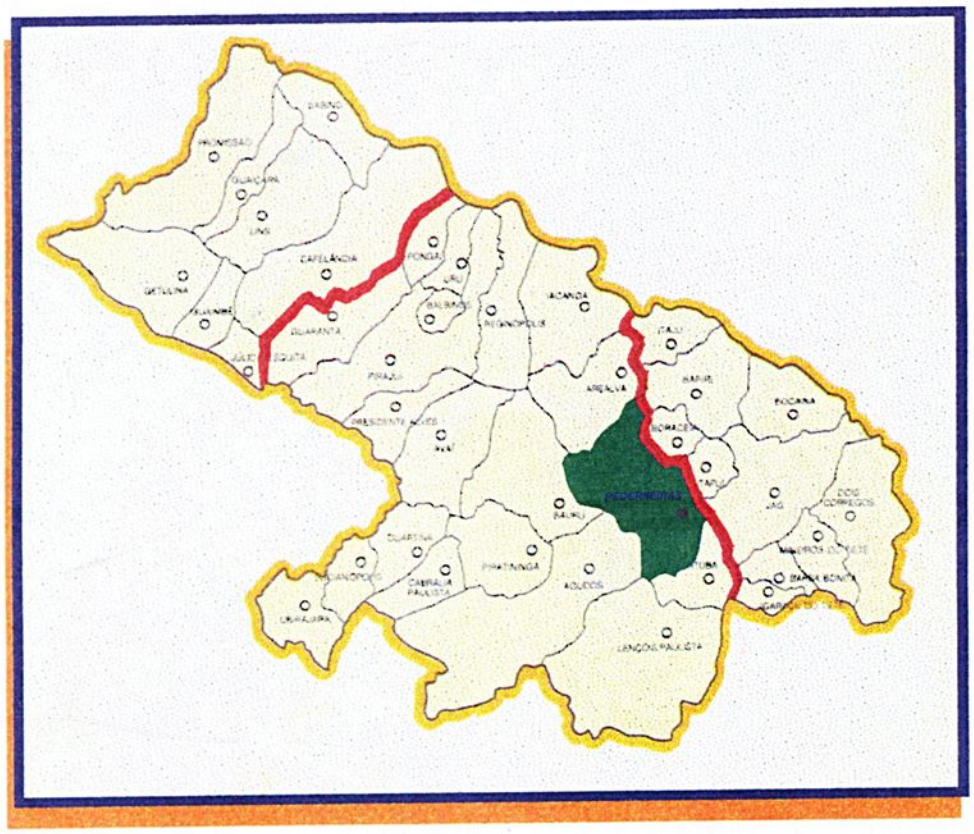


ANEXO Nº 07 - Detalhe do Município de Pederneiras -
com a localização geográfica do Núcleo Habitacional "Michel Neme"



ANEXO Nº 08

DIVISÃO ADMINSTRATIVA REGIONAL



CARTA-IMAGEM DE SATÉLITE MOSTRANDO VISTA PARCIAL DO MUNICÍPIO DE PEDERNEIRAS/S

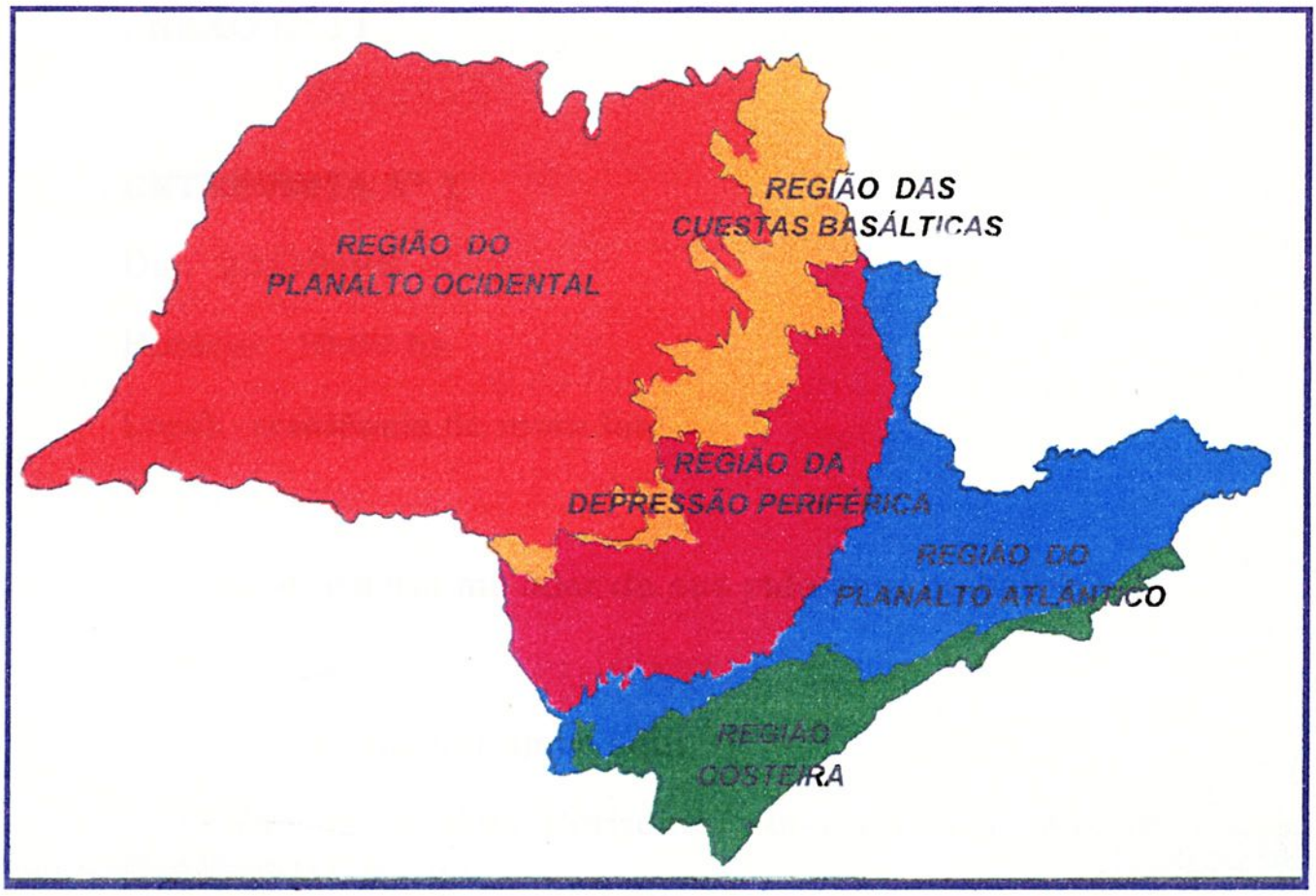
ANEXO Nº 09



Fonte: Prefeitura Municipal de Bauru

SENAGRO - Sensoriamento Remoto S/C LTDA

ANEXO Nº 10



Fonte: São Paulo 92, perfil ambiental e estratégias Governo do Estado de São Paulo, Secretaria do Meio Ambiente 1992

ANEXO Nº 11

ENTREVISTA Nº 1

Dia: 23/10/98

Horário: 10:00 hs

Local: residência do morador

Você poderia me falar da sua vida aqui no bairro?

Há 10 anos moramos aqui.

Viemos de Belo Horizonte, compramos a casa na época, optamos por morar aqui no núcleo.

Entrar aqui no núcleo, o estabelecimento aqui, foi boa. Da cidade o lugar que eu mais gostei, foi daqui. Foi o que me simpatizou até.

Realmente gostei daqui. Dentre todos os lugares que olhamos, foi aqui. Me simpatizou. Optamos por ficar aqui. Todos nós gostamos. Por causa da localização, perto da avenida.

A gente chega da cidade grande e está acostumada com mais movimento. Na avenida, parece ser um lugar adequado, não sei ... te falar muito, eu não sei te falar muito. Fico muito no meu canto. Os vizinhos são bons.

O bairro está melhorando muito. A nível cultural tem: mercadinho, quitanda, xerox, escritório, lojinha, coisas

pequenas. Tem a Associação, eles se preocupam em melhorar. Tem aula de pintura.

Estabeleceu-se uma comunidade, aos meus olhos melhorou muito de dez anos pra cá. Até no aspecto financeiro. As casas estão mais bonitas.

Tem shows aqui no núcleo, bailes na Associação, coisa bem familiar.

Ah, me sinto segura em morar aqui no bairro. A questão de segurança, da comodidade. Até a política se preocupa com o bairro, o crescimento, indústrias ao redor, casas bonitas, loteamentos, é bom morar aqui, por enquanto não tem nada que desabone o bairro. Está sempre em ordem.

Não vejo pontos negativos no bairro. É longe do centro da cidade. Mas se eu quero essa comodidade ...

Não sei te falar o que significa esse lugar pra mim. Não sei te falar, às vezes pra quem já mora numa cidade grande, às vezes você se sente fora do mundo, afastada, mas tudo a gente se molda, não vê futuro, a gente tá vendo que o pessoal tá trabalhando ...

Realmente eu gosto. Tô contente, tô bem. "*Mechi* " na casa, eu fiz porque pretendo ficar, nada é pra sempre. Mas se surgir alguma coisa pra ir embora, eu vou. Eu acho ...

Nº 820
BIBLIOTECA - UNESP
CAMPUS DE BAURU

De certa forma é o amor. O amor é a força do que vai reger tudo isso aí.

Embora as coisas tenham ficado meio difícil. Mas existe um sentimento que me prende, uma saudade, o amor que me prende.

ANEXO Nº 12

ENTREVISTA Nº 2

Dia: 23/10/98

Horário: 11:00 hs

Local: residência do morador

Você poderia falar da sua vida aqui no bairro?

Moro aqui há 22 anos. Desde quando o núcleo foi entregue.

Ah, pagava aluguel. E o meu marido trabalhava na Clark. Agora mudou e a gente continua aqui ...

A gente gosta do bairro, não tem violência, é o melhor bairro, aqui em Pederneiras. Ele é bom porque tem a escola, ônibus para Bauru, Jaú a cidade também é perto, as casas também são boas.

Nunca pensamos em sair daqui.

Nos fins de semana vou para Bauru, Jaú. Quando fico aqui, de manhã fui na missa e depois fico em casa. Mesmo aqui não tem muitas atividades, não tem muito lugar pra ir aqui em Pederneiras, nem no bairro, né.

unesp

Tem a Associação. Tem várias atividades: cursos de pintura, tricô, balé, tem muitas crianças, inclusive a professora mora ali em cima, né. É isso daí.

Eles alugam para festinhas, casamento, aniversário. Melhorou bem com essa Associação, eles dão preferência para quem mora aqui no bairro. Eles cobra metade do salário, R$ 60,00 reais.

Foi construída faz tempo, acho que mais de 10 anos. Com esse novo presidente, criou melhorias no bairro.

Com essa pessoas que entrou agora. Antes tava meio parada, tudo destruída, sem pintura, as pessoas reclamando. Agora tem uma horta comunitária, vende baratinho. Esse que entraram colocaram ventilador, fizeram reformas. Assim no final de semana, o baile da 3ª idade.

Eu não freqüento esses bailes, meu marido não gosta, eu também não gosto. Eu gosto dos outros que vão, não acho nada de errado, eu não freqüento.

Me dou muito bem com meus vizinhos, não me perturbam, não põe o som alto, não ficam nas casas pedindo, cumprimentam, são muito bons. Por isso gosto daqui. Só tem gente de boa aparência. Tudo gente boa aqui pra cima, me dou com todo mundo. Todo mundo de um nível, não é aquelas

pessoas assim ... Faz muito tempo que moro aqui. Todo mundo conhece. Só tem gente boa.

O trabalho do meu marido é aqui perto. Deu certo de comprar a casa aqui.

Eu gostei daqui. Se eu sair daqui acho que fico meia perdida. Representa minha vida, tudo que tenho consegui aqui. Tenho 2 filhas, 2 netos. Uma casou aqui, trabalha muitos anos aqui, tem a igreja que ajudei a construir. Não tenho coragem de sair daqui.

unesp

ANEXO Nº 13

ENTREVISTA Nº 3

Dia: 01/11/98

Horário: 14:00 hs

Local: mesa do bar

Você poderia me falar da sua vida aqui no bairro?

Moro aqui desde que nasci, faz 21 quase 22 anos. Desde que nasceu o núcleo, praticamente minha mãe já pegou a casinha e veio morar aqui.

O núcleo é basicamente tranqüilo, só a avenida que é meia movimentada. Graças a Deus não tenho inimizade com ninguém, tem vários pontos de comércio perto, não tenho reclamações aqui não!

Sou formada no magistério, sou substituta nas escolas. Quando não faço isso, sou dona de casa.

Todo dia mesmo cotidiano, é cuidar do filho, do marido, da casa, quando não saio daqui. Só.

Ah! Eu gosto muito de viver aqui. Não por ser tranqüilo, sei lá! Nunca morei noutro lugar, noutra casa. Nada.

unesp

Eu gosto muito de morar aqui. Não porque é Pederneiras, nem eu gosto daqui. Se eu tivesse que mudar daqui, pra outro lugar, escolheria alguma casa aqui perto. Não gostaria de sair daqui não.

Ah! não sei explicar. Eu sempre morei aqui, como já falei. Não tenho vontade de sair daqui não. Eu gosto daqui mesmo! Eles já falaram de mudar daqui. Mas eu nunca tive vontade, não.

Aqui no núcleo não tem nada. Tem o parquinho pras crianças, descendo ali perto da escola. De lazer aqui em cima não tem nada, nada, nada. Quando tem, é um forrozinho ali no Centro Comunitário, né.

É um lugar onde foi fundado pra Ter piscinas, salão de jogos, mas até agora não saiu, só saiu o salão. É uma Associação de moradores. A vila toda faz parte. É assim: você precisa fazer uma festa de aniversário, você vai lá, aluga o salão, paga e usa o salão. É só o salão que tem ali, churrasqueira. É como se fosse um salão pra festa. Não tem mais nada além, é isso. Começou a fazer um campo de bocha ali, mas pararam. Tá nisso, não foi construído mais nada aí. É assim que funciona. E quando tem algum baile sertanejo, alguma coisa, é ali que funciona.

Só tem isso ali, só. É mais pra alugar mesmo pra festa, essas coisas, não tem mais nada.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

Eu fui na inauguração. Isso faz muito tempo. Guardaram a ATA lá embaixo da terra, não sei se é costume isso, né?

Guardaram ATA do prédio, um papel, falando tudo que íam fazer ali. Mas até agora não construíram nada do que aquilo que eu vi.

Guardaram embaixo da terra, num buraco. Tava todo mundo quando enterrou. É tipo um enterro. Enterraram ela no chão. Colocaram uma tábua em cima, depois cimentaram. E ali ficou guardado a ATA. Não sei se tiraram, se não tiraram. Desde que eu me lembro, que eu fui lá. Fui eu e uma amiga minha, na época, fizeram isso. Mas não construíram nada do que tava planejado naquela ATA.

Tava planejado 2 piscinas, quadra de tênis, quadra de futebol de salão, bocha; o salão construíram. Eu não lembro mais o que tinha construído do lado de cá. Tinha mais alguma coisa, que iam construir. Era tipo de um clube ía sair ali. Mas parou no salão. Não sei porque, mas parou nisso.

Aqui no núcleo não tem divertimento nenhum. Não tem onde você levar as crianças, quem tem crianças. Não tem onde você sair. Antigamente era muito gostoso ali no pátio da Clark, quando não era cercado.

Aqui é a Volvo, é uma firma, onde várias pessoas a Qui de Pederneiras trabalham aí. Mas não era fechada, não tinha alambrado em volta dela. Então todo mundo do núcleo, fazia piquenique no Domingo. Todo mundo ía lá deitar na grama,

brincar, ali era um lugar muito gostoso de Domingo, Sábado, mas depois que fecharam, também acabou.

Aqui de lazer não tem nada. Se você quiser algum tipo de lazer, se tem que procurar o centro da cidade, tem clube, lá tem o parque ecológico.

O meu relacionamento com a vizinhança é bom, não tenho inimizade com ninguém. Eu converso com todo mundo, não de ficar indo na casa delas, nem elas na minha casa, passo, cumprimento, converso na rua, mas nada de mais, nada de entrar na vida uma da outra. Nada de uma ficar sabendo das coisas da outra, se sai com alguém se saiu com o outro..

Sabe, é tudo assim. Oi, como éque tá? Falar das crianças, que brincam juntas.

Eu não freqüento a Associação dos moradores. Já fui, aniversário, casamento, nunca nem aluguei, nem fui assim. Porque nem fica aberto. Fica aberto quando te, algum tipo de festa.

Ah ... a minha infância era brincar com os vizinhos, quando podia minha mãe sempre levava a gente pra passear bastante, né! Sítios mas tive muita liberdade assim com os vizinhos porque minha mãe dizia que eu era muito chorona. Eu ia pra casa dos outros, que nem minha filha faz, na hora de vir embora eu

unesp

chorava. Então, minha mãe quase não deixava. Mas sempre fui. Não tem reclamações aqui.

Estudei até a 8ª série, estudei ai no Alva Fabri. Escola de 1° e 2° grau. Estudei lá até me formar na oitava

A escola aí, ela é muito boa. Sempre estudei ali. Tudo que eu aprendi pra iniciar meu 2° grau foi ali, né!

Eu acho que nunca vou sair daqui. Apesar de não ter divertimento, da rua não ser tranqüila, de ser movimentada para as crianças, eu não gostaria de sair daqui não. Você pode sair a noite, tem segurança. Quando eu era solteira, eu vinha pelas ruas do núcleo, não tinha bêbados, mendigos que ficam na rua azucrinando a gente.

Eu sempre morei aqui. Conheço tudo, desde o começo até o fim. Não tem nenhum lugar interessante. Nenhum lugar que eu gosto de ir, nada. Aqui no núcleo, não.

Acho que aqui é meu lugar. Lugar onde a gente se sente bem, se sente a vontade, gosto de estar aqui. Significa tudo. Se eu sair daqui... ah! sentiria muita saudade daqui, não gosto nem de pensar em sair daqui. Me dá tristeza, é me dá.

Eu acho que aqui é meu canto, eu acho sim. Vale a pena ficar aqui, ah! vale. Aqui é um lugar muito tranqüilo. Se você quer divertimento, alguma coisa, vai lá pro centro e procura.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

Até sobre certo ponto de vista, se tivesse muito divertimento aqui a noite, não seria um lugar tão sossegado. Seria um lugar bem movimentado né! Bem agitado.

Então, tá bom assim.

Meus filhos nasceram aqui, se Deus quizer vão ser criados aqui. É pra envelhecer, se Deus quizer. E se não for nessa casa, na casa vizinha. Aqui no núcleo, aqui no bairro.

Eu gosto de morar aqui. Desde que nasci, minha infância foi aqui, casei aqui.

Pra mim significa tudo. Não gostaria de mudar daqui.

Quando eu me casei, até meu marido queria morar na cidade dele, né! Em macatuba. Não fui, fiquei aqui. Moro numa casa no fundo né, continuo aqui.

unesp

ANEXO Nº 14

ENTREVISTA Nº 4

Dia: 01/11/98

Horário: 16:00 hs

Local: Bar do "*Durval*"

Você poderia me falar da sua vida aqui no bairro?

Moro aqui nessa vila há 22 anos, trabalhava na Volvo, mas agora sou aposentado, sou soldador.

Essa vila aqui, pra mim viver aqui, é mil maravilha. Uma das melhor vila que existe pra viver, mais gostosa, só tem gente boa, não tem nada que faz mal pra ninguém não, aqui é a coisa mais gostosa, é essa vila aqui. Inclusive essa vila aqui é muito "*especulada*". Comprar um imóvel aqui é muito caro. Morar aqui é muito caro, é caro.

Minha vida aqui é da casa pro boteco, do boteco pra casa. Esse é meu boteco preferido. É o mais gostoso. Tem todos os amigos, tudo gente boa. É funcionário da usina, da Volvo. É tudo gente boa aqui, que é bom. Eu fui nascido e criado em Pederneiras. Eu tenho 47 anos. Pra mim não tem lugar melhor. Esta vila, foi uma das primeiras que foi feita. É o Núcleo "Michel Neme". É uma que todo mundo conhece como a vila da Clark. É o

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

comentário, que fala. Se você chegar e perguntar onde é a vila da Clark, todo mundo conhece.

A Clark é que fabricava máquinas e fabrica até hoje. Foi mudando de Clark pra V.M.E., de V.M.E. foi pra ... agora é Volvo.

Todo mundo conhece como vila da Clark. Não tem como mudar o nome da vila. É a vila da Clark, o Núcleo "Michel Neme".

Minha vida aqui. Pesquei, casei (risos...), vivi um bom né ... bebi... Beber não é bom, mas beber socialmente, brincar de baralho, que nem brinca aqui, al! Só gente boa, não tem atrito, não tem briga, não tem confusão, não tem nada. Não faz a gente "desdeixar" do lugar. O lugar é bom demais.

Porque tem gente que mora na cidade, que gosta de morar na cidade, mas ele vive mais aqui, porque ele gosta daqui da vila. Porque a vila aqui é um ambiente gostoso pra você morar. Ambiente gostoso que nem nós tá assim com todos os amigos. Conversando com você, não é gostoso um ambiente assim?

Então, se você vai noutro lugar, noutras vilas, ghega e vê um conversando com você, já vai chegar e que é isso daí? Batendo papo com a mulher? Cê vê aqui é tudo legal. Tá todo mundo gostando, tá bonito né! A gente se sente tão gostoso aqui. Se sentir bem é se sentir livre. Criei meus filhos aqui, já sou vô, tenho 3 netos. Morava todos aqui.

Eu gosto da praça lá (aponta). Essa pracinha que nós tem aqui. É bonito, tem uns quiosquinhos. Ali a gente brinca, os senhores mais de idade brinca, tudo numa boa, numa harmonia gostosa. É a coisa mais gostosa, a gente vê os senhores

brincando. Tenho orgulho de ver eles brincando. Dá vontade de brincar ali.

Tem o Tietê para pescar. Só na vila que eu gosto de ficar. Dificilmente eu saio. Ninguém me vê na cidade, não vê. Faço tudo aqui na vila. Compra na vila, mercado, farmácia, quitanda. Tem tudo aqui que a gente precisa. Cidade nem precisa ir. Cidade só se precisar ir num Banco.

Eu acho mais bonito no pátio da Volvo, a fábrica ali (aponta). Tem uns arvoredos bonitos, gostoso. Pego meu neto, dá uma volta lá, gostoso. Mas não sendo aqui, não tem lugar nenhum pra gente ir.

O bar aqui é bom. O seu Durval aqui é excelente, não tem inimigos, todo mundo aqui é amigo dele. Aqui vive sempre lotado.

A vizinhança aqui é boa. Eu comprei a casa, não é muito boa, porque ela fica num buraco, quando chove...

Morar aqui significa tudo. Ah! se eu fosse mais novo, talvez eu podia pensar em outra cidade, mais grande, tem mais futuro, trabalho melhor. Aposentado, fazer o que? Então fica por aqui...

Aquele ali é o Zé Pequeno, aquele ali trabalha na Telesp, mora em Jaú e não sai daqui do bar, esse é freguês bom. Ele gosta daqui da vila.

Seu Gilberto, Serginho Freitas, Jesus, José Fracarolli, aqui nós conhece todo mundo, se tiver 40, a gente fala o nome dos 40.

unesp

Aquele lá é o filho do Zé Pequeno. Eu sinto seguro aqui na vila, graças a Deus, não tenho inimigo, só tenho amigo.

Ando de peito aberto, cara limpa. Não olho pra trás porque não tenho inimizade com ninguém.

Pra mim é uma boa, é gostoso. Geralmente é tudo de outro lugar que vem aqui. Da cidade ...

Aqui é o lugar mais gostoso que tem pra se encontrar os amigos. Hoje tá ventando, senão você ia ver o que era gente aqui. Mesa pra fora, jogando baralho, brincando, na maior harmonia, gostoso, uma delícia.

Pra mim tudo que imaginar de bom é aqui. Tudo que eu gosto.

É, tá perto do meu neto, perto dos meus filhos, dos meus amigos, é gostoso. Tudo isso é amor. Amor na vila, eu gosto demais. Tenho casa em outro lugar, não quero, fico aqui. Aqui que é o poço!

A minha menina fala: *pai, daqui não saio mais nunca na minha vida.* A gente adora, gostaria de ficar aqui pro resto da vida...

Tem uma Associação de moradores. Acontece lá: forró, festinha, coisa mais gostosa. Dificilmente vou lá. Tem festa de criança, festa junina. Lugar que segura as crianças. Lugar bom.

Tenho tanto pra falar. Dava pra fazer uma novela, mais grande que aquela dos irmãos coragem.

unesp

É tão bom que você não tem nem como falar...

Começou do nada, foi uma das primeiras vilas que começou. Não tinha a vila, foi feita por intermédio da firma que veio aqui. Ficou "*especulada*" que nem falei pro cê. O custo de vida aqui é caro, aluguel. Comprar uma casa aqui, você tá enrolado. Ave Maria...

ANEXO Nº 15

FOTOS

FOTO nº 01 - "Praça Assef Neme"



FOTO nº 02 - Praça José Mariano da Silva



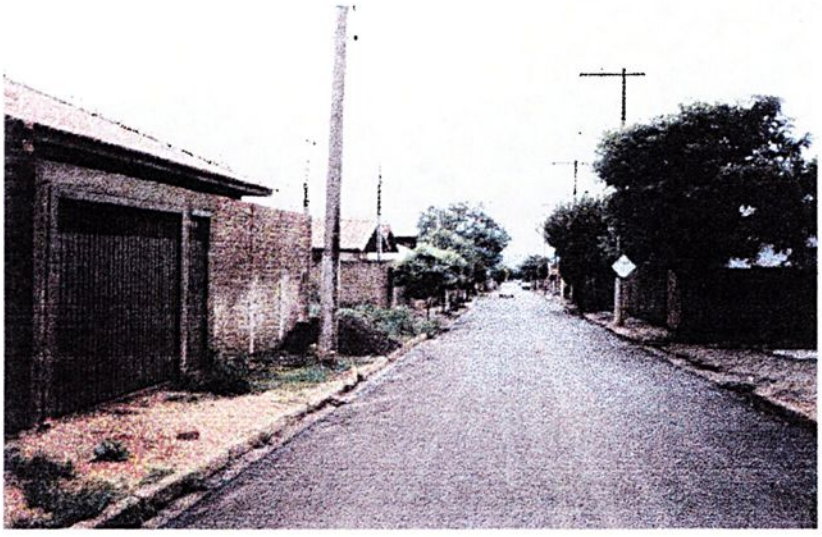
Rua Segundiano Picollo

FOTOn° 03 - Empresa Volvo



Detalhe da Av. Eliseo Alvarez Gomes

FOTO n ° 04 - Casa modificada



Rua Agenor Arantes Figueiredo

FOTO nº 05 - Parque Infantil Municipal "Parquinho"



Rua Marcelo Canelada

FOTO nº 06 - Detalhe da Praça Central



Rua Paschoal Calobrizzi

FOTO nº 07 - Estádio Distrital "Michel Neme"



Rua Segundiano Piccolo

FOTO nº 08 - Casa original



Av. Eliseo Alverez Gomez

FOTO nº 09 - Associação dos Moradores



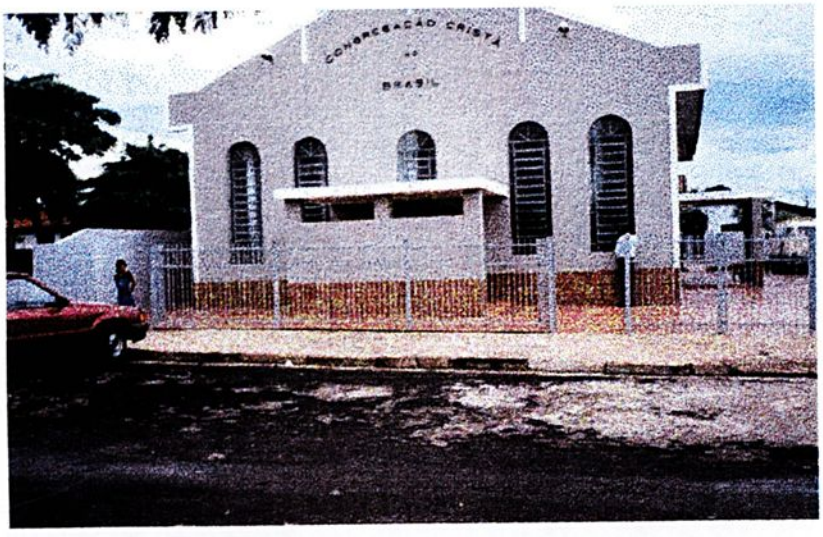
Rua José Almeida Franco

FOTO nº 10 - Posto de Saúde



Rua Waldir Cantarin

FOTO nº 11 - Templo Evangélico Congregação Cristã do Brasil



Rua Cirilo Azevedo

FOTO nº 12 - Associação dos Moradores (outro ângulo)



Rua Josué Almeida Franco

FOTO nº 13 - Detalhe da Praça Central



Localiza-se no centro do núcleo

FOTO nº 14 - Detalhe interno do pátio de estacionamento da Volvo



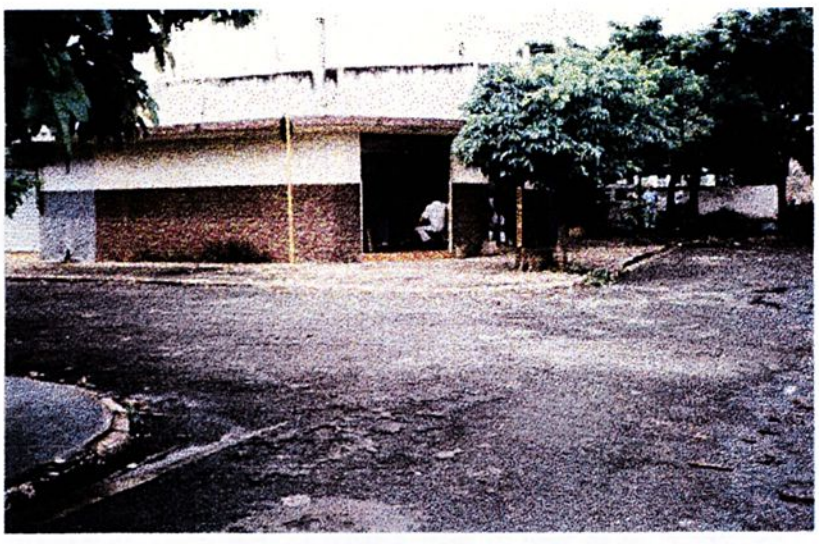
Av. Eliseo Alvarez Gomes

FOTO nº 15 - Detalhe do pátio de Estacionamento Da Volvo



Apontado pelos moradores como local escolhido para fazer piquenique, antes de ser cercado - Av. Eliseo Alvarez Gomes.

FOTO nº 16 - Bar na esquina da Praça



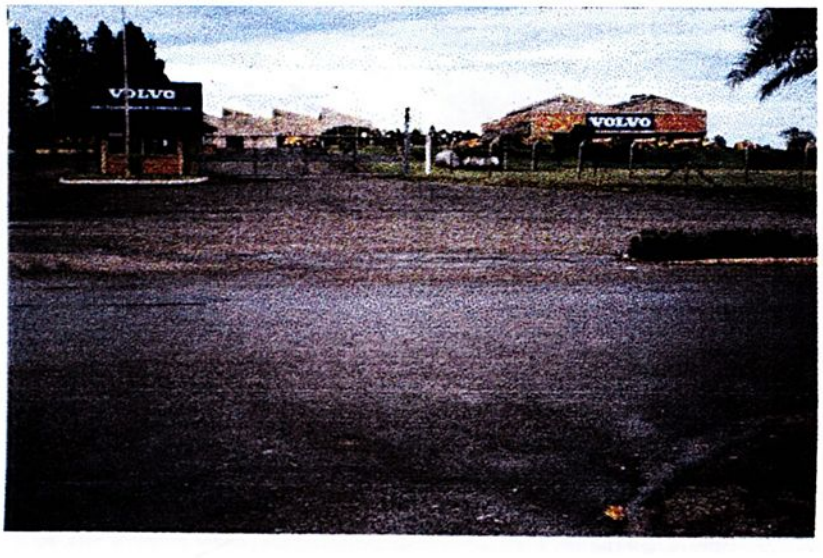
Esquina com a Rua Paschoal Calobrizzi

FOTO nº 17 - Parque Infantil Municipal "Parquinho"



Rua Marcelo Canelada

FOTO nº 18 - Empresa Volvo Equipamentos de Construção LTDA



Antes, Empresa Clark S/A - Av. Eliseu Alvarez Gomes

FOTO nº 19 - EMEI Profª "Tharcila Hidalgo L.R.S. Neto"



Rua Marcelo Canelada Ávila

FOTO nº 20 - EEPSG Profª "Alva Fabri Miranda"



Se `as vêzes, digo que as flôres sorriem
E se eu disser que os rios cantam,
Não é porque eu julgue que há sorrisos nas flôres
E canto no correr dos rios ...
É porque assim faço mais sentir aos homens falsos
A existência verdadeiramente real das flôres e dos rios.

Porque escrevo para êles me lerem sacrifico-me às vêzes
À sua estupidez de sentidos ...
Não concordo comigo mas absolvo-me,
Porque só sou essa cousa séria, um intérprete da natureza,
Porque há homens que não percebem a sua linguagem,
Por ela não ser linguagem nenhuma.

Fernando Pessoa

unesp